



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB**  
**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS- CAMPUS IV**  
**COLEGIADO DE HISTÓRIA**

**JOZIAS BISPO BARBOSA JUNIOR**

**SÃO MIGUEL DAS FIGURAS: MEMÓRIA, FESTA E DEVOÇÃO**  
**NO SERTÃO DA BAHIA (1995-2022)**

**JACOBINA-BA**

**2025**

**JOZIAS BISPO BARBOSA JUNIOR**

**SÃO MIGUEL DAS FIGURAS: MEMÓRIA, FESTA E DEVOÇÃO  
NO SERTÃO DA BAHIA (1995-2022)**

Trabalho de conclusão de curso apresentado a Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Departamento de Ciências Humanas – Campus IV, curso de História, como requisito parcial para obtenção do Grau de Licenciado em História.  
Orientador: Prof. Dr. Valter Gomes Santos de Oliveira.

**JACOBINA-BA  
2025**

**JOZIAS BISPO BARBOSA JUNIOR**

**SÃO MIGUEL DAS FIGURAS: MEMÓRIA, FESTA E DEVOÇÃO  
NO SERTÃO DA BAHIA (1995-2022)**

Monografia submetida à Comissão Examinadora da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Campus IV, Jacobina – BA, como parte dos requisitos necessários para a obtenção da graduação do curso de Licenciatura em História.

Monografia aprovada em 23 de julho de 2025

**BANCA EXAMINADORA**

Orientador

Prof. Dr. Valter Gomes Santos de Oliveira (UNEB)

Membro da banca examinadora

Prof. Dra. Elisangela Oliveira Ferreira (UNEB)

Membro da banca examinadora

Prof. Ma. Maria Sandra da Gama (UNEB)

JACOBINA – BA

2025

## **AGRADECIMENTOS**

Cheguei até aqui graças à minha mãe Maria Rosa que me gerou, me criou e me cuidou. Agradeço a ela por ter me proporcionado o dom da vida. Uma mulher que cuidou de seus dois filhos sozinha, e hoje está colhendo o fruto com o seu filho mais novo. Agradeço também a todos aqueles que fizeram parte de meu processo acadêmico. Pessoas que conheci no campus e foram essenciais para a continuidade e conclusão de mais um desafio. Dedico a Jéssica Elen, Sabrina Rodrigues, Jerssiane Passos, Suzy Veras e aos demais colegas que fiz durante essa jornada. Ao meu orientador, deixo aqui um abraço bem forte em forma de agradecimento. Acredito que nada é por acaso, e a escolha dele para compor minha banca foi imprescindível e certa. Quero deixar registrado aqui também a participação de três pessoas que foram fundamentais para a minha formação. Meus professores do ensino fundamental, no tempo da Escola Agrícola, Sandra, Maristela e Roberto. Professores que marcaram nossa história, nossas vidas, pessoas que nos inspiram. Aos meus amigos que me deram forças ao longo desse projeto pessoal, Benedito Sena, Durvalino Neto, Mailson Gama, Angelo Rodrigues, Terciano Jesus, Diego Rego, Ana Paula, Pedro Lima, Helton Santana, Áurea Pacheco, Joelma Oliveira.

Todo ideal vive dentro de você,  
assim como todo obstáculo no  
caminho deste ideal também vive.  
Você é possuidor de todo o material a  
partir do qual há de criar sua figura  
ideal.

*Thomas More*

## RESUMO

Este trabalho investiga os festejos em honra a São Miguel Arcanjo realizados na Igreja das Figuras, localizada no sertão baiano, entre os anos de 1995 e 2022. A pesquisa busca compreender como essas celebrações se constituem como práticas de resistência cultural, contribuindo para a construção da memória e da identidade coletiva das comunidades rurais dos municípios de Jacobina, Caém, Mirangaba e Saúde. A partir de uma abordagem qualitativa, com base na história oral, entrevistas semiestruturadas foram conduzidas com devotos e moradores locais, além da análise de fontes visuais e documentos históricos. Os resultados evidenciam que, mesmo diante da ruína material da igreja e da negligência do poder público, a devoção a São Miguel permanece viva, ressignificada tanto nos rituais coletivos quanto nos espaços domésticos de fé. A pesquisa revela ainda as junções entre o sagrado e o profano nas manifestações religiosas contemporâneas, destacando o protagonismo das mulheres na preservação dessa tradição. Ao articular memória, religiosidade e resistência, o estudo contribui para o reconhecimento do patrimônio imaterial sertanejo e para a valorização das expressões do catolicismo popular no interior da Bahia.

**Palavras-chave:** religiosidade popular; história oral; sertão baiano; São Miguel Arcanjo.

## ABSTRACT

This study investigates the festivities in honor of Saint Michael the Archangel held at the Church of Figuras, located in the backlands of Bahia, between the years 1995 and 2022. The research seeks to understand how these celebrations constitute practices of cultural resistance, contributing to the construction of memory and collective identity among the rural communities of the municipalities of Jacobina, Caém, Mirangaba, and Saúde. Based on a qualitative approach grounded in oral history, semi-structured interviews were conducted with devotees and local residents, alongside the analysis of visual sources and historical documents. The findings reveal that, despite the material ruin of the church and the neglect by public authorities, devotion to Saint Michael remains alive, re-signified in both collective rituals and domestic spaces of faith. The research also uncovers the tensions between the sacred and the profane in contemporary religious expressions, highlighting the prominent role of women in preserving this tradition. By articulating memory, religiosity, and resistance, the study contributes to the recognition of the intangible heritage of the backlands and to the appreciation of popular Catholic expressions in the interior of Bahia.

**Keywords:** popular religiosity; oral history; Bahian backlands; Saint Michael the Archangel.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1:Localização da igreja São Miguel das Figuras.....	18
Figura 2:Planta da Igreja de São Miguel das Figuras .....	19
Figura 3:Escultura de São Miguel Arcanjo .....	23
Figura 4:Escultura de São Miguel Arcanjo .....	23
Figura 5:Celebração da Missa dedicada a São Miguel Arcanjo .....	38
Figura 6: Altar da Igreja das Figuras. Foto datada entre 1970/1979 .....	39
Figura 7:Imagem de São Miguel Arcanjo localizada na Igreja da Conceição em Jacobina-Bahia.....	39
Figura 8:Imagem de São Miguel da Igreja das Figuras .....	39
Figura 9:Altar da Igreja das Figuras, 1970 .....	39
Figura 10:Altar destinado a Devoção a São Miguel Arcanjo .....	39
Figura 11:Devoção .....	39

## **LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS**

IGHB Instituto Geográfico e Histórico da Bahia

IPAC Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia

TCC Trabalho de Conclusão de Curso

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	10
O processo de produção e tratamento das entrevistas orais .....	13
Capítulos da monografia .....	14
CAPÍTULO I - A IGREJA DAS FIGURAS: ASPECTOS GERAIS E HISTÓRICOS .....	16
1.1 O santo protetor e o culto aos santos na igreja católica .....	21
CAPÍTULO II - MEMÓRIA E ORALIDADE: CONCEITOS E RELAÇÕES COM A FESTA E A DEVOÇÃO.....	25
2.1 Memória: conceitos fundamentais .....	25
2.2 Festa e devoção .....	27
CAPÍTULO III - PRÁTICAS DE DEVOÇÃO NO FESTEJO DE SÃO MIGUEL ARCANJO .....	34
3.1 Entrevistas e reflexões acerca das mesmas .....	39
CONCLUSÕES .....	55
REFERÊNCIAS.....	56

## INTRODUÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), teve sua temática definida ao longo da minha trajetória acadêmica, especialmente após uma visita para conhecer as ruínas da antiga igreja dedicada a São Miguel Arcanjo realizada no ano de 2021. O fascínio pela estrutura abandonada e a curiosidade em imaginar como os rituais religiosos ali ocorriam, quando o santuário ainda estava em plena condição de acomodar os fiéis, despertaram o desejo de investigar sua história. Esse interesse se aprofundou à medida que percebi a relação entre memória, festividades e religiosidade nas comunidades do entorno.

Apesar da escassez de registros sobre a construção da igreja, as memórias dos moradores mais idosos preservam relatos sobre as festividades em homenagem a São Miguel Arcanjo, o santo protetor. O objetivo desta pesquisa foi analisar os festejos em honra a São Miguel Arcanjo, que ocorrem anualmente no dia 29 de setembro, na Igreja das Figuras, entre os anos de 1995 e 2022. Optou-se por essa temporalidade devido à relevância histórica e cultural do período para os festejos em honra a São Miguel Arcanjo.

O ano de 1995, em particular, marcou o ápice das celebrações, quando a volumosa participação de fiéis transformou o festejo de uma celebração local em um evento consagrado tanto na memória coletiva quanto no espaço físico pertencente à igreja. Esse momento de grande mobilização destacou a importância da festa para a comunidade e influenciou diretamente os anos subsequentes. O recorte até 2022 permite analisar as repercussões dessa transformação ao longo de duas décadas, enquanto as fontes orais garantem a riqueza e a proximidade com as memórias dos participantes.

Como objetivos específicos desta pesquisa busca-se analisar os festejos a São Miguel Arcanjo como práticas de resistência cultural e reafirmação de identidade no sertão baiano, especialmente diante do abandono institucional e da ruína material da Igreja das Figuras, compreender o papel das narrativas orais na (re)construção da história da Igreja das Figuras e na manutenção da devoção ao padroeiro, a partir da escuta de moradores e devotos e por fim, Investigar as tensões e articulações entre o sagrado e o profano nas celebrações contemporâneas, observando como esses elementos se manifestam na prática ritual, na festa e na organização comunitária.

Considerado um dos mais fortes anjos da hierarquia, São Miguel juntamente com o arcanjo Gabriel e Rafael foram-lhes dadas a missão e proteger e resguardar o trono celestial

contra os malefícios. São Miguel ganhou notoriedade dentre os devotos por sua luta contra satanás, conhecido como padroeiro da justiça, do arrependimento e da proteção, São Miguel detém através de suas ações dentro da igreja católica como representante maior do exército dos anjos, é a partir dessas histórias que ele é hoje uma das imagens que possuem grande quantidade de devotos dentro e fora dos cultos religiosos da igreja católica.

O culto aos santos é uma prática fundamental no catolicismo desde sua consolidação, transmitindo valores morais e visões de mundo (Mesquita, 2015). A fé na intercessão dos santos, assim como seu poder milagroso, é uma característica central do catolicismo. Dessa forma, esta monografia busca discutir o significado da religiosidade, fé e identidade na história local, investigando as principais razões que impulsionaram a retomada dos festejos a São Miguel Arcanjo.

A tradição de celebrar santos e figuras religiosas é uma prática profundamente enraizada em diversas cidades brasileiras, onde os festejos se tornam eventos de grande proporção, muitas vezes gerando feriados locais e mobilizando toda a comunidade (Fragata, 2023). Essas celebrações não apenas homenageiam os santos, mas também refletem a devoção dos fiéis, que se organizam em grupos para planejar e ornamentar os rituais, evidenciando a forte ligação entre a religiosidade e o cotidiano das pessoas. No Brasil, essa ligação é especialmente visível, permeando os lares e a cultura de várias regiões, sendo um elemento integrador entre fé e identidade social.

Nesta perspectiva, a pesquisa fundamenta-se no uso de fontes orais, registros em jornais e fotografias, com o objetivo de investigar a relação entre cultura, regionalidade e religiosidade nas comunidades circunvizinhas à Igreja de São Miguel Arcanjo das Figuras. Situada na divisa dos municípios de Jacobina, Caém, Saúde e Mirangaba, a igreja, construída no século XVIII e dedicada a São Miguel Arcanjo, é palco de celebrações que ocorrem anualmente em 29 de setembro, atraindo grande número de fiéis. A devoção ao santo, expressa por meio de rituais tradicionais, reflete não apenas uma prática religiosa, mas também a manutenção de uma identidade cultural regional profundamente marcada por essas festividades.

A relevância deste estudo reside na preservação de elementos materiais e imateriais dessa tradição religiosa, que desempenha um papel fundamental na construção da identidade local. Através da investigação de fontes históricas pretende-se documentar e analisar a importância dos festejos de São Miguel Arcanjo, compreendendo sua capacidade de fortalecer laços comunitários e perpetuar valores culturais que ultrapassam gerações. Além

de seu valor para as comunidades envolvidas, esta pesquisa contribui para o campo acadêmico, ao oferecer um estudo sobre a interação entre religião, memória e cultura em uma região marcada pela devoção secular.

Dessa forma, este trabalho visa preencher uma lacuna historiográfica sobre a devoção de São Miguel Arcanjo na Igreja das Figuras, ao mesmo tempo em que promove a valorização e a preservação de práticas culturais e religiosas que compõem o patrimônio imaterial do sertão de Jacobina. A análise dessas manifestações religiosas é essencial para a compreensão da dinâmica entre fé, cultura, oferecendo uma visão mais detalhada sobre o papel das festividades religiosas no contexto local e nacional.

Este estudo adota uma abordagem qualitativa, com foco na investigação das práticas religiosas e festivas dedicadas a São Miguel Arcanjo, a partir das dimensões de memória, religiosidade e cultura local. A pesquisa é fundamentada em métodos de história oral e análise documental, com o objetivo de compreender o papel da devoção e da festividade nas comunidades envolvidas.

Inicialmente, foi realizado um levantamento bibliográfico sobre os temas de memória coletiva, religiosidade popular e festividades religiosas. A teoria de Maurice Halbwachs sobre memória coletiva será um dos principais marcos teóricos, complementada por autores que discutem a história oral e as tradições religiosas no sertão nordestino. Halbwachs (2006) argumenta que, apesar de a memória ser individual, ela necessita do convívio social para se desenvolver e perpetuar.

A coleta de depoimentos orais também foi um componente central desta pesquisa. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com moradores das comunidades de Jacobina, Caém, Saúde e Mirangaba, especialmente com pessoas idosas e líderes religiosos que participaram ativamente dos festejos entre 1990 e 2022. Entrevistas sempre revelam eventos desconhecidos ou aspectos desconhecidos de eventos conhecidos: elas sempre lançam nova luz sobre áreas inexploradas da vida diária das classes não hegemônicas (Portelli, 1997, p. 31). Dessa forma, de acordo com Paul Thompson (1922, p. 17):

[...] a história oral pode dar grande contribuição para o resgate da memória nacional, mostrando-se um método bastante promissor para a realização de pesquisa em diferentes áreas. É preciso preservar a memória física e espacial, como também descobrir e valorizar a memória do homem. A memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência dos fatos coletivos.

As entrevistas tiveram como objetivo captar as memórias relacionadas à organização e significado da romaria e dos festejos de São Miguel Arcanjo, assim como a história oral

associada à construção e decadência da Igreja das Figuras. Para este trabalho, foram realizadas entrevistas com participantes e organizadores do festejo, englobando as quatro cidades que formam a estrutura organizacional da celebração: Caém, Saúde, Jacobina e Mirangaba. Essas entrevistas, aliadas à análise de registros visuais e escritos, permitiram compreender como a memória e a devoção se articulam para manter viva a tradição da celebração dedicada a São Miguel Arcanjo.

Além das fontes orais, foram examinados documentos históricos, como recortes de jornais locais, atas de reuniões comunitárias, cartas paroquiais e outros registros escritos que pudessem oferecer informações sobre a fundação da Igreja de São Miguel e a organização dos festejos. O objetivo foi entender como a devoção a São Miguel foi registrada e transmitida ao longo do tempo.

A captura de novas imagens durante os festejos atuais ajudou a documentar visualmente a continuidade da tradição e a participação comunitária. As fotografias foram analisadas com base na relação entre espaço sagrado e prática religiosa. O material imagético reforça a dimensão simbólica da devoção a São Miguel Arcanjo, como também evidencia a resiliência das manifestações culturais diante das transformações sociais e da precarização dos espaços de culto.

Os conceitos de memória, festa e devoção são centrais para esta investigação, constituindo um conjunto de práticas observadas ao longo da pesquisa. Esses elementos atuam de forma interdependente e são identificados por meio de entrevistas de campo e da documentação visual do festejo em honra a São Miguel. Assim, a memória se revela uma poderosa ferramenta de pesquisa, capaz de auxiliar na produção de documentos que perpetuam fatos presentes na coletividade. Nesse contexto, a oralidade, associada à memória, oferece informações valiosas que, quando analisadas, fornecem métodos para construir uma história baseada na rememoração e na interlocução. A coleta de informações por meio da oralidade desempenha um papel central na captação de memórias ligadas aos festejos religiosos.

### **O processo de produção e tratamento das entrevistas orais**

Este tópico destina-se à apresentação e análise das entrevistas realizadas com participantes e moradores vinculados aos festejos em honra a São Miguel Arcanjo, na Igreja das Figuras. A realização das entrevistas foi precedida por etapas preparatórias essenciais para garantir a qualidade e a profundidade do material coletado. Inicialmente, estabeleceu-se contato prévio com as participantes, promovendo conversas informais com o objetivo de

criar um ambiente de confiança e respeito mútuo. Esta abordagem dialoga com o que Rodeghero *et al.* (2020) chamam de pré-entrevista estratégica, fundamental para que a entrevistada se sentisse à vontade para compartilhar suas memórias. Conforme Rodeghero *et al.* (2020, p. 7),

A História Oral é uma metodologia que produz e analisa fontes históricas a partir de registros de situações de entrevista. Por se tratar de uma metodologia, é um empreendimento longo, que exige cuidados e avaliações constantes durante a sua realização. A preparação, realização, sistematização e análise das entrevistas, dessa forma, demandam cuidados específicos.

A oralidade, apesar de estar presente no dia-dia das pessoas, requer um cuidado com seu tratamento e captura, neste sentido existe uma estrutura que deve ser cumprida para que a pesquisa consiga identificar informações buscadas durante o processo de gravação. O roteiro de entrevista foi semiestruturado, permitindo flexibilidade nas perguntas e valorizando a espontaneidade dos relatos. Como reforça Portelli (1997), o roteiro não se limitou a fala, mas sim orientou os eixos temáticos da escuta. A entrevista, nesse sentido, não foi um espelho passivo da memória, mas uma co-construção entre entrevistador e entrevistado, onde o tempo presente intervém na reinterpretação do passado.

Utilizei também este momento para conhecer o local de forma antecipada e verificar a possibilidade de alguma eventual interrupção, seja ela por barulho excessivo, fatores naturais, movimento de pessoas. Um diálogo antecipado com os entrevistados foi visto como uma forma de compreender a necessidade de diálogo de cada parte, é neste momento que verifiquei o quanto a parte detém de informações acerca do tema. Este papo informal, consistiu também numa forma de deixar quem era entrevistado mais tranquilo, a vontade, neste sentido o bate papo prévio direcionou o entrevistado na montagem de seu roteiro, acompanhando os questionamentos.

Após a gravação, as entrevistas foram integralmente transcritas e organizadas por núcleos temáticos. A análise foi orientada por categorias como fé, pertencimento, memória e resistência simbólica. Também foram observadas repetições, silêncios, hesitações e expressões não-verbais, elementos que, conforme Thompson (1992), enriquecem a compreensão subjetiva da experiência histórica narrada. Por fim, o tratamento do material respeitou os princípios éticos da história oral, assegurando o consentimento livre e informado dos participantes e o reconhecimento de suas narrativas como contribuições legítimas para a construção da história local.

## Capítulos da monografia

A presente Monografia está estruturada em três capítulos, que abordam de forma articulada os aspectos históricos, culturais e devocionais relacionados aos festejos a São Miguel Arcanjo, realizados na Igreja das Figuras, localizada no sertão baiano, entre os anos de 1995 e 2022. O primeiro capítulo apresenta um panorama histórico e geográfico da Igreja das Figuras, desde sua construção no século XVIII até sua atual condição de ruína. Discutem-se os fatores que contribuíram para sua fundação no contexto da mineração e da expansão do sertão baiano, destacando a importância da igreja como símbolo de identidade e memória para as comunidades de Jacobina, Caém, Saúde e Mirangaba. Aborda-se também a escolha de São Miguel Arcanjo como padroeiro, explorando os sentidos simbólicos e espirituais dessa devoção no contexto do catolicismo popular.

O capítulo II discute os fundamentos teóricos da memória e da oralidade, destacando sua relevância para a pesquisa histórica, especialmente no contexto de tradições populares. A partir de autores como Maurice Halbwachs (2006), Pierre Nora (1993), Henry Rousso (2006) e Paul Ricoeur (2007), analisa-se como a memória coletiva e os relatos orais contribuem para a preservação da devoção a São Miguel Arcanjo. O capítulo também reflete sobre a interseção entre o sagrado e o profano nos festejos, demonstrando como essas práticas são construídas e ressignificadas pelas comunidades envolvidas.

O terceiro capítulo trata das práticas devocionais observadas nas festividades contemporâneas dedicadas a São Miguel Arcanjo, com ênfase nas experiências vividas pela comunidade da Jaqueira. A partir das entrevistas realizadas e da observação direta dos festejos, o capítulo analisa como a fé se manifesta tanto nos espaços coletivos quanto nos espaços domésticos, ressaltando o protagonismo das mulheres e a importância dos oratórios familiares. Também são discutidas as dinâmicas entre fé, cultura, tradição e resistência, evidenciando a persistência dos festejos mesmo diante da ausência de apoio institucional e da degradação física do templo.

## CAPÍTULO I

### A IGREJA DAS FIGURAS: ASPECTOS GERAIS E HISTÓRICOS

A Igreja das Figuras, hoje em ruínas, destaca-se na região por sua imponência histórica e também pelo valor simbólico que carrega. Desde sua construção no século XVIII até sua atual condição de monumento degradado, a igreja se transformou em um marco de identidade e memória coletiva para as comunidades circunvizinhas. As ruínas guardam histórias e sentimentos que moldam a herança cultural e religiosa local, sendo um testemunho do passado e uma conexão entre as gerações.

Segundo o historiador Jacques Le Goff (1990), os monumentos, mesmo em estado de ruínas, cumprem um papel essencial na preservação da memória coletiva. Ele afirma que o termo latino *monumentum* deriva de *men*, raiz indo-europeia que está associada ao ato de lembrar (*memini*). O verbo *monere*, que significa "avisar" ou "instruir", implica que os monumentos são sinais do passado, dispositivos criados para perpetuar a recordação de eventos, pessoas e épocas. No contexto da Igreja das Figuras, sua estrutura física deteriorada continua a ser um elo poderoso com o passado, perpetuando a memória das práticas religiosas e sociais que ali ocorreram.

Le Goff destaca que um monumento não é apenas uma obra arquitetônica; ele é uma materialização da memória viva de um povo. Apesar do desgaste causado pelo tempo, as ruínas da Igreja das Figuras continuam a ser um espaço sagrado e simbólico, onde os resquícios físicos se misturam às lembranças intangíveis das comunidades. O monumento resiste como um marco identitário, lembrando àqueles que o frequentaram e às novas gerações a continuidade das tradições, das práticas devocionais e do convívio social ao redor do sagrado.

Por décadas, a Igreja de São Miguel das Figuras serviu como um espaço vital para a expressão da fé e da religiosidade das comunidades de Jacobina, Caém, Saúde e Mirangaba. Apesar de sua localização remota e de difícil acesso, a igreja tornou-se um ponto central de convergência espiritual e social, abrigando cerimônias de casamentos, peregrinações, promessas e agradecimentos. As festividades em homenagem a São Miguel Arcanjo, realizadas no dia 29 de setembro, mobilizam um número expressivo de devotos, reforçando o papel da igreja como núcleo de devoção e socialização.

As histórias transmitidas oralmente pelos habitantes dessas localidades ressaltam a importância da Igreja das Figuras na formação das comunidades. A igreja não era apenas um local de culto religioso, mas um espaço de interação comunitária, onde a fé e a

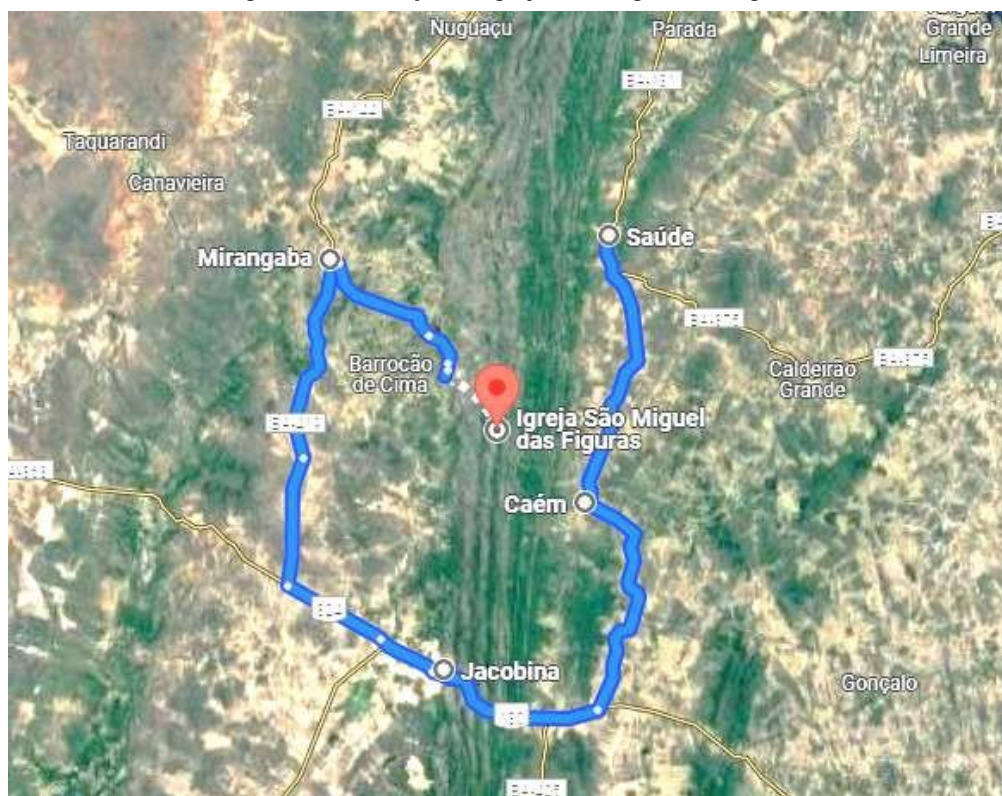
cultura regional se entrelaçavam. Mesmo com o desgaste físico da estrutura ao longo do tempo, o espírito de resistência da comunidade em preservar essa tradição secular mantém a essência dos festejos religiosos vivos e dinâmicos.

A questão regional da Igreja das Figuras remonta ao ano de 1755, quando teve início a sua construção no território de Jacobina. Com o passar dos anos, por questões geográficas e administrativas, a igreja passou a integrar a área de quatro municípios distintos. No entanto, a maior parte de sua estrutura atualmente pertence ao município de Caém. Com essas questões indefinidas de localização, por anos a Igreja ficou sem seu devido cuidado pelo poder público justamente por conta deste impasse territorial.

Ao longo do festejo, e de acordo com os relatos, a participação de pessoas importantes socialmente nos festejos demonstra o quanto essa festa promovida pela população ao redor da Igreja, rendeu um certo apreço popular de tamanha importância que ao longo dos anos, o festejo se tornou uma centenária secular. Vale ressaltar que a movimentação das riquezas ao longo do anos na serra das Figuras aguçou os olhares daqueles que fazem parte do alto escalão da sociedade e com isso o fato de ter um festejo, organizado e promovido pelo catolicismo popular trouxe para aquela comunidade um apreço religioso e ao mesmo tempo com um contraste da riqueza que foi obtida através da exploração do ouro pelo seu mentor.

De acordo com as informações encontradas na figura abaixo, atualmente a Igreja das Figuras está localizada na divisa dos quatro municípios de Jacobina, Caém, Saúde e Mirangaba. Essa posição geográfica gera um certo impasse quanto à definição exata de qual município a abriga. No entanto, para os devotos dessas localidades, essa questão territorial é secundária. O que realmente importa é a forte conexão espiritual que a igreja representa para essas comunidades. Independentemente das fronteiras administrativas, todos se unem nos festejos em homenagem a São Miguel Arcanjo, realizando um evento religioso que, ao longo dos anos, tem sido passado de geração em geração, perpetuando-se como um importante elo cultural e religioso.

Figura 1:Localização da igreja São Miguel das Figuras



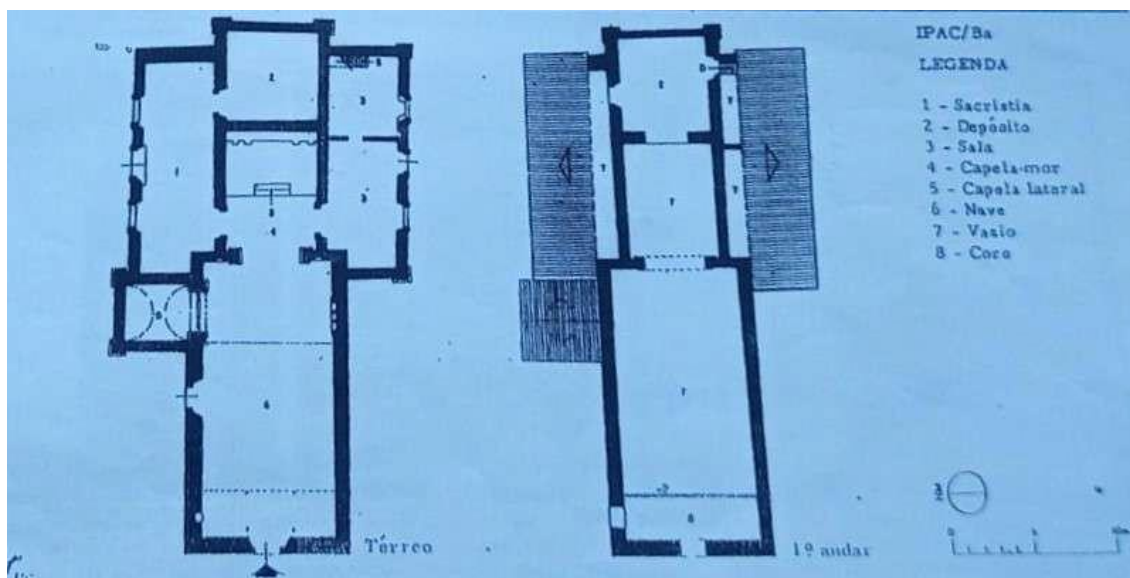
Fonte: Google Earth (2024)

O trajeto identificado no Google Eath posiciona a Igreja das Figuras no centro da divisória entre os municípios de Jacobina, Caém, Saúde e Mirangaba. O aplicativo facilita o acesso à igreja, oferecendo um caminho eficiente para os visitantes. Em termos de distância, o percurso entre Caém e a Igreja é de aproximadamente 15 km, com uma duração média de 1 hora e 12 minutos. Mirangaba, sendo o município mais próximo, fica a cerca de 12 km da igreja, com um trajeto estimado em 19 minutos. Já o percurso a partir de Saúde é o mais longo, levando cerca de 1 hora e 30 minutos para cobrir uma distância de 89 km. Saindo de Jacobina, através de Mirangaba, o trajeto até a Igreja leva aproximadamente 51 minutos, com uma distância de 41 km, utilizando a BR 324 ou a BA 419.

A construção da Igreja das Figuras é uma obra de grande magnitude. Embora inicialmente privada, sua edificação seguiu um padrão arquitetônico rigoroso, especialmente em relação a detalhes estilísticos. Conforme o documento de tentativa de tombamento da Igreja, sua estrutura segue o modelo das igrejas construídas em Salvador. O mesmo documento menciona que o desenho em formato de "T" da igreja tem como referência a Igreja da Palma, localizada em Salvador, e é um exemplo comum entre as construções religiosas

do século XVI. Isso sugere que a construção da Igreja das Figuras se inspirou em importantes modelos arquitetônicos da capital baiana, preservando um estilo tradicional que contribui para o seu valor histórico.

Figura 2: Planta da Igreja de São Miguel das Figuras



Fonte: Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (IPAC)

A planta da Igreja de São Miguel das Figuras, registrada em documentos do IPAC, deve ser compreendida como uma representação arquitetônica, mas também como um artefato cultural que traduz concepções religiosas, estéticas e sociais da época de sua construção. Assim como defendem autores como Le Goff (1990), os monumentos são documentos vivos da memória coletiva, e suas formas e estruturas materializam valores e visões de mundo.

A estrutura em formato de “T” da planta da igreja, semelhante ao da Igreja da Palma em Salvador, certamente revela a influência do modelo barroco tardio nas edificações religiosas coloniais do interior. O barroco, ao mesmo tempo em que se articulava com a pompa e o esplendor da Igreja Católica, permitia também uma apropriação simbólica dos espaços, orientando o olhar e a fé dos fiéis (Sousa, 2005). A planta da Igreja das Figuras, com nave única, capela-mor e ausência de nave transversal, está de acordo com o padrão das igrejas de menor porte construídas por bandeirantes e mineradores no interior, que traduziam o barroco em diversas versões e também carregadas de significado (Boschi, 1988).

Os espaços internos da igreja organizam a relação entre o sagrado e o profano, entre o clero e os leigos. A nave representa o espaço dos fiéis, a capela-mor o lugar da manifestação divina, uma separação reforçada por grades ou degraus (Dias, 2013). Esses elementos expressam não apenas hierarquias litúrgicas, mas também sociais, reproduzindo no espaço religioso a organização do mundo colonial. Mesmo em ruínas, certamente esse templo ainda “fala” aos devotos: a celebração da missa nas ruínas preserva, de forma adaptada, a sacralidade atribuída à planta original.

A construção de uma igreja em uma localidade distante de grandes centros urbanos exigia um planejamento estratégico, considerando os desafios de mão de obra e a relevância para a comunidade local. No caso da Igreja das Figuras, sua localização não foi uma escolha aleatória, mas sim uma decisão baseada nas necessidades da época, marcada pela exploração de metais preciosos. Durante esse período, a construção de um templo religioso em uma região sem um número significativo de fiéis seria impraticável devido aos custos envolvidos. No entanto, áreas com alta atividade mineradora, onde as minas atraíam trabalhadores e suas famílias, tornavam-se centros populacionais dinâmicos, com comunidades surgindo ao redor das minas. Nessas regiões, o comércio e as interações sociais floresciam, criando uma demanda por espaços de culto religioso.

A presença de mão de obra indígena e escrava foi essencial para a execução dessas obras, e os idealizadores dessas construções buscavam não apenas explorar os recursos naturais, mas também deixar marcas de sua passagem e influência. No contexto das explorações de minério, as vilas e comunidades que surgiam em torno das minas também precisavam de espaços para a prática religiosa. A fé era uma parte central da vida dos mineradores e suas famílias, e a ausência de igrejas em áreas mais remotas dificultava a prática de liturgias, promessas e devoções, levando à necessidade de construí-las.

A Igreja das Figuras, construída por volta de 1755 nas Serras das Figuras, foi um projeto liderado por Romão Gramacho, um bandeirante que, em suas viagens em busca de minérios, decidiu estabelecer-se na região e construir o templo. Naquela época, bandeirantes como Gramacho percorriam vastas áreas em busca de riquezas minerais, e em suas explorações, promoviam a formação de vilarejos e comunidades ao redor das áreas mineradoras. Essas vilas não apenas serviam como locais de exploração econômica, mas também como ambientes de troca social, onde as pessoas construíam

laços, praticavam o comércio e estabeleciam um senso de comunidade.

Embora a exploração mineral fosse o foco principal, as construções realizadas durante esse período, mesmo que utilizadas por um tempo limitado, deixavam marcas permanentes na história local. A Igreja das Figuras, apesar de sua posterior deterioração, é um exemplo de como a fé e a necessidade de culto religioso estavam profundamente enraizadas nas comunidades que surgiam em torno das minas, contribuindo para o desenvolvimento social e cultural das regiões do sertão da Bahia

### **1.1 O santo protetor e o culto aos santos na igreja católica**

São Miguel Arcanjo, conhecido como protetor das almas, foi escolhido como patrono da Igreja. No catolicismo, o Arcanjo Miguel é responsável pela proteção das almas no purgatório e tem grande importância como defensor contra o mal. Junto com os Arcanjos Gabriel e Rafael, Miguel ocupa uma posição celestial, herdando funções divinas e sendo venerado como santo. A escolha de Romão Gramacho, o bandeirante responsável pela construção da igreja, de dedicar o templo a São Miguel, pode estar relacionada à necessidade de proteção espiritual em suas andanças e explorações pelas regiões mineradoras. Embora não haja evidências documentadas que liguem diretamente São Miguel à proteção dos bandeirantes, o anjo é visto como um guardião espiritual, acolhendo aqueles que buscam sua devoção. Para os exploradores, a crença no apoio e proteção divina durante suas jornadas era uma prática comum, trazendo segurança e esperança em ambientes incertos e perigosos.

O culto aos santos, em especial a São Miguel, foi amplamente adotado pela Igreja Católica como uma maneira de perpetuar ritos e fortalecer a devoção popular. No entanto, com o tempo, essas práticas religiosas transcenderam os limites do espaço eclesiástico, expandindo-se para a esfera pública. As festas e procissões dedicadas aos santos passaram a ocorrer nas ruas, envolvendo comunidades inteiras e reafirmando o poder e a presença da fé popular como um elemento central na vida social e cultural dessas localidades.

Assim, a devoção a São Miguel, no contexto da Igreja de São Miguel das Figuras, não apenas reafirma a fé de uma comunidade em seu protetor espiritual, mas também simboliza a união e a continuidade de tradições religiosas, transmitidas de geração em geração. A presença do santo na memória coletiva, fortalecida pelas celebrações e rituais populares, garante a perpetuação de sua importância ao longo do tempo.

Uma trajetória historiográfica sobre o culto a São Miguel Arcanjo no Brasil revela

transformações significativas em sua iconografia e na forma como sua imagem é representada e venerada pelos devotos ao longo do tempo. Inicialmente retratado com um estilo sacro clássico, São Miguel era considerado uma das figuras mais belas e imponentes do imaginário religioso, com forte presença nas artes sacras. Estudos como os de Campos (2004; 2013), Marchi e Ferreira (2015), e Barbosa e Elias (2020) evidenciam essas transformações e destacam como as imagens do arcanjo se adequaram às condições sociais e econômicas das irmandades e comunidades devocionais, preservando, no entanto, seu papel central como guerreiro celestial, defensor da fé e protetor espiritual.

O estilo que predominava durante o século XVIII, surgiu na França era chamado de rococó também conhecido como barroco antigo ou tardio. Este estilo é marcado pelos detalhes mais suavizados e curvas mais profundas. As cores suavizadas contrasta com o estilo da peça sacra desenvolvida sob media, por isso se tornam uma peça valiosa dentro do mundo das artes sacras. Com a mudança dos novos estilos, essas imagens passou por um processo de reestruturação nas suas produções. Há vários fatores que influenciaram essas mudanças nas imagens ou até mesmo a falta de recursos para poder se obter uma imagem nova. As irmandades por exemplo, algumas não teria condições financeiras para acompanhar as mudanças artísticas e com isto a imagem continuava com o seu formato original.

A iconografia de São Miguel arcanjo se fez presente nos estilos medieval, renascentista, maneirista, barroca e rococó. Em cada estilo, uma inovação e um detalhe que ficou marcado durante o aprimoramento das artes icnográficas. Na arte medieval por exemplo o diabo foi representado como um animal. O que mais chama a atenção no detalhe da imagem de São Miguel são as representações das balanças. Nas representações renascentistas durante o século XI as balanças estavam presentes e nelas detinha a representação das almas no purgatório (figura 3).

Já durante o século de XVIII as almas haviam desaparecidas da Imagem. Durante este processo de mudanças a estrutura icnográfica havia passada por uma série de modificações, que conseqüentemente influenciaram as novas imagens reproduzidas no Brasil. O corpo inclinado, a armadura, a retirada da alma nas balanças, as sandálias, o gládio, a lança e em alguns casos a retirada das asas de Miguel (figura 4).

Figura 4: Escultura de São Miguel Arcanjo



Fonte: *google* imagens.

Figura 3: Escultura de São Miguel Arcanjo



A partir da segunda metade do século XX, as abordagens das Ciências Humanas e Sociais propuseram novas classificações para a prática católica no Brasil, destacando suas especificidades. No campo historiográfico, Hoornaert (1991) denominou de "catolicismo popular" a forma de religiosidade que emergiu a partir das demandas socioculturais próprias do povo. Esse conceito reflete uma transformação no culto católico, que passou a ser moldado não apenas pelas normas eclesiais, mas também pelas necessidades e práticas das comunidades.

Dentro dessa perspectiva, percebe-se que a sociedade buscou criar novos espaços de expressão religiosa que pudessem demonstrar a força e a importância dos ritos e festas dedicadas aos santos. As práticas populares permitiram que os ritos, que antes se limitavam ao ambiente restrito das igrejas, se expandissem para a esfera pública, dando origem a grandes celebrações organizadas pelos próprios fiéis. Esses festejos, que passaram a ocorrer fora do espaço eclesial, reforçaram a devoção popular e a identidade religiosa das comunidades.

Esta pesquisa também se debruça sobre o sentimento de pertencimento e identidade cultural que essas festividades proporcionam às comunidades envolvidas. Cada devoto carrega consigo intenções individuais — sejam pedidos, promessas, agradecimentos ou celebrações de graças alcançadas —, mas o coletivo prevalece na organização e realização do evento. A participação na Romaria é marcada por uma dedicação que vai além do simples ato religioso, representando um compromisso com a continuidade e a tradição.

Esse esforço comunitário é essencial para garantir a realização da festa e a manutenção da tradição ano após ano. Como afirma Ricardo Luiz de Souza,

Festas católicas possuem um sentido intimamente ligado à celebração da renovação. Celebra-se o renascimento da vida, que triunfa sobre o mal a partir de Cristo. E não apenas elas: a renovação e a vitória da luz sobre as trevas são temas usuais em festas religiosas. Combinam-se, são representadas de forma simbólica das mais diferentes maneiras e estruturam diversas festas cristãs (2012, p.53).

Hornaert (1991) denominou de popular o catolicismo que se constituiu a partir das demandas socioculturais próprias do povo. Notadamente existe um sentimento majoritário que faz com o que os devotos continuem exercendo seus votos e devoção, buscando preencher algum vazio dentro de seu ser. É a partir dessa necessidade de preenchimento que os votos se renovam a cada celebração dedicada ao santo protetor. Os depoimentos dos participantes dos festejos em honra a São Miguel Arcanjo, recolhidos por meio da cultura oral como fonte histórica, revelam como os relatos e vivências das pessoas contribuem para a continuidade dos processos de reafirmação da religiosidade nessas comunidades.

Perpetuar e rememorar a cultura religiosa que permanece viva na memória, na fé e na demonstração de persistência, assegura que uma história que contribuiu diretamente para a continuidade do festejo não seja apagada. O culto dedicado aos santos, prática adotada pela Igreja Católica para perpetuar seus ritos e reforçar a opulência perante seus fiéis, gradualmente ultrapassou os limites do ambiente eclesial. Esses ritos expandiram-se para as ruas, em busca de um espaço maior onde pudessem demonstrar para toda a sociedade o poder e a força representados pela fé popular.

Seguindo neste entendimento, este trabalho contribui para o resgate da memória que faz parte da festa dedicada a São Miguel Arcanjo, e que este trabalho possa, de alguma forma ajudar as comunidades como divulgador da tradição e mantenedor secular que envolve várias comunidades no intuito de permanecer viva tanto da memória daqueles que participam, quanto nas do leitores que futuramente possa ter oportunidade de conhecer não só presencialmente, como também através deste trabalho.

## CAPÍTULO II

### MEMÓRIA E ORALIDADE: CONCEITOS E RELAÇÕES COM A FESTA E A DEVOÇÃO

#### 2.1 Memória: conceitos fundamentais

Muito se fala sobre memória, afinal é um tema bastante amplo para ser pesquisado. A memória acompanha o indivíduo a todo o momento de sua trajetória, apesar das questões que impossibilitam rememorar essas evidências vividas e resguardada na memória, ela fica conservada em um ambiente no qual o ser humano fica condicionado por toda sua vida a conviver com ela. As várias memórias se dividem em diversas áreas, desde a psicologia, pedagogia, historiografia e a medicina. De acordo com os estudos da psicologia, a memória é conceituada como ponto central do desenvolvimento humano. A memória mesmo que esporádica ressurgue no movimento historiográfico capaz de conduzir seu conceito em diversas áreas de estudos. Para isto a memória deve ser tratada no campo da pesquisa como um auxílio na busca das fontes para conceituação da historiografia. Ao se tratar de memória, deve-se observar de forma cuidadosa sobre o direito do indivíduo e coletividade de não querer trazer à tona determinados temas bem como o direito ao esquecimento. De acordo com Juliana Altamayer (2017, p. 1),

É fundamental para a formação da identidade de uma sociedade o conhecimento da sua história. Fatos históricos que pertençam à memória da coletividade não podem ser apagados, contudo, o acesso irrestrito e por tempo indeterminado a qualquer tipo de informação pode acarretar violações aos direitos da personalidade do indivíduo.

A memória está atrelada minimamente ao ser humano, ao ser colocada em debate, expõe intimamente os algozes pertencentes daqueles momentos resguardados. Ao abordar a memória individual ou coletiva, observa-se a condicional que detém o poder de tratar determinado debate. A memória em seu contexto, sendo ela destrinchada como fonte principal de uma pesquisa, compara-se a uma vestimenta, que retirada seu corpo sem nenhum pudor, deixa o seu tutor totalmente despido. Neste contexto eis que surge um questionamento: como lidar com a memória, respeitando a intimidade do individual e do coletivo? Como utilizar da memória em conjunto de seu tutor sem deixá-lo totalmente despido? Infelizmente, temos aqui uma memória fadada ao esquecimento.

A memória tem papel principal no estudo da história, é através dela que pessoas mais velhas, moradoras de certa localidade histórica podem relatar os acontecimentos vividos por elas. Hilton Japiassú (1996), no Dicionário de Filosofia afirma: A memória pode ser

entendida como a capacidade de relacionar um evento atual com um evento passado do mesmo tipo, portanto como uma capacidade de evocar o passado através do presente (Japiassú, 1996, p. 178). É o que nos mostra Pierre Nora, em suas palavras sobre a Memória:

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, suscetível de longas latências e de repentinas revitalizações (Nora, 1993, p. 19).

Evidente que para Pierre Nora, a história tem, idealmente, uma relação de diferença e contraste, mesmo de oposição e resistência à memória. Percebe-se que Pierre Nora concebe que monumentos, arquivos, museus, festas, calendários, aniversários ocupam uma posição epistêmica alinhada ao redor do princípio dos lugares de memória, tanto sítios materiais como práticas imateriais que, de alguma forma, permitiam operações mnemônicas. Portanto, o processo da memória no homem faz intervir não só na ordenação de vestígios, mas também na releitura desses vestígios, possibilitando uma análise mais concreta e real do que lhe é apresentado, podendo inclusive tecer questionamentos e fazer novas ponderações sobre considerações até então efetuadas.

A memória passa a ser de extrema importância, posto que se torna uma maneira de regressar ao passado vivendo o presente, ou seja, é possível recordar e reviver tempos remotos, e neste sentido criar um sentimento de pertinência no grupo de convivência. Onde, ao relacionarmos com outros grupos, estamos construindo nossa identidade, a qual é a soma da memória que herdamos e das releituras feitas, ao longo dos anos, do mundo em que fizemos parte.

Falar sobre memória requer o diálogo perpétuo com os tempos: passado e presente caminham praticamente juntos. Quando rememoramos, olhamos para o passado com os olhos do presente, com toda a bagagem de experiências. A memória é o futuro do passado: o ato de lembrar a presentifica. Para o historiador Henry Rousso, ela - a memória - é atual. Para ele, ela representa “a presença do passado” (Rousso, 2006, p. 94). Para o historiador José Carlos Reis a memória também pertence ao passado, não colocamos todas as lembranças em uma caixa e as trazemos para o presente, mas lembramos e selecionamos fragmentos da memória, não as resgatamos por completo, mas é como se colhêssemos da árvore da memória, pequenos frutos que representariam as lembranças.

Portanto, a memória pertence ao passado e, a partir da reflexão sobre esse passado no presente através da rememoração, é que o presente entra em cena, projetando nas memórias nossas identidades, nossas opiniões e nossas impressões do tempo presente. Então,

tempo e memória caminham juntos, se nutrem mutuamente. Portanto, um povo que não guarda sua história, sua memória, seu patrimônio, não sabe quem realmente é. Estas memórias estão guardadas em seu patrimônio cultural que deve ser preservada, restaurada. Mais do que isso, a memória traz consigo uma questão importante para a História: a singularidade. Quando trabalhamos com as memórias, sabemos que em sua essência, cada sujeito expressa-as de forma singular e única. Sabemos que o passado está presente, ele é o presente. O célebre Marc Bloch nos diz que o passado é “um ponto minúsculo e que foge incessantemente; um instante que mal nasce morre. (Bloch, 2001, p. 60). Nós somos o reflexo desse passado, caminhamos pelo tempo e construímos o nosso presente a partir das vivências neste passado.

Evidentemente que a memória pertence a todos os tempos sociais, históricos, naturais, ela é ao mesmo tempo individual e coletiva, ela é atemporal e necessita dos suportes da história e da temporalidade para se legitimar enquanto fator histórico-social.

## **2.2 Festa e devoção**

Durante a produção da pesquisa, me deparei com diversos fatores que dificultaram o acesso às fontes, desde a escassez de documentos escritos sobre os festejos até o estado precário de conservação de parte do material coletado. Diante disso, as fontes orais tornaram-se o principal instrumento metodológico, e o diálogo com pessoas intimamente ligadas à devoção a São Miguel Arcanjo passou a ocupar lugar de destaque na construção desta narrativa.

Nesse sentido, a memória não foi tratada apenas como suplemento ou compensação da falta documental, mas como eixo estruturante da pesquisa. A história oral, ao priorizar os testemunhos de sujeitos comuns, permite acessar a dimensão subjetiva e experiencial dos acontecimentos, aquilo que os arquivos oficiais muitas vezes silenciam. A oralidade, mesmo em sua simplicidade aparente, carrega elementos complexos da vivência coletiva, expressando visões de mundo, afetos e formas próprias de interpretar o passado.

Ao contrário do que algumas perspectivas tradicionais da historiografia fizeram crer, a oralidade não representa um estágio “inferior” de produção do saber. Desde a Grécia Antiga, a palavra falada foi considerada central na transmissão do conhecimento e dos valores de uma comunidade. Para os gregos, a memória era inseparável da voz: os rapsodos, os poetas e os anciãos eram guardiões da história coletiva, muito antes da escrita sistemática dos eventos. Como nos lembra Paul Ricoeur (2007), narrar é também dar forma à

experiência vivida, e a memória se sustenta tanto na lembrança quanto no esquecimento. Portanto, ao priorizar as entrevistas como fonte principal, esta pesquisa reconhece a potência da escuta como ferramenta de produção de conhecimento e valoriza a voz da comunidade como forma legítima de narrar sua história. Cada relato constitui não apenas uma lembrança individual, mas também um fragmento da memória social compartilhada — uma expressão viva da continuidade da devoção e da luta cotidiana pela preservação simbólica do sagrado.

Observando este contexto de pesquisa, memória, festa e devoção condiz com os fatos narrados durante a entrevista e também presenciados durante o festejo. Em uma visita na comunidade da Jaqueira, pertencente ao município de Caém, pude observar o quanto a comunidade se faz presente religiosamente enquanto ao festejo dedicado a São Miguel das Figuras ou Miguel Arcanjo, no entanto, não podemos apenas afirmar que a comunidade gira em torno somente de São Miguel, porém, arcanjo fica em evidencia perante a comunidade pois é nele que surge uma certa condição capaz de reafirmar sua existência perante a fé dos seus fiéis.

A pequena comunidade da Jaqueira, localizada em zona rural do município de Caém, desenvolve-se majoritariamente por meio da agricultura familiar. Seus moradores dedicam-se ao cultivo para subsistência e à comercialização de produtos em feiras locais, mantendo uma dinâmica econômica simples, mas enraizada no trabalho coletivo. Nesse contexto, observa-se uma forte presença da religiosidade popular, especialmente a devoção a santos católicos, que se manifesta como elemento estruturante da vida comunitária.

A devoção tradicional, transmitida entre gerações, representa para esta pesquisa um campo fecundo de análise. Quando devidamente registrada, tratada e interpretada, a memória religiosa da comunidade revela informações significativas sobre a continuidade dos rituais, a centralidade da fé no cotidiano e o papel da Igreja das Figuras como símbolo espiritual e identitário. Assim, o estudo da comunidade e de seus festejos recupera práticas devocionais específicas, mas também contribui para compreender os processos sociais mais amplos que garantem a persistência do catolicismo popular no sertão baiano.

O termo *Festejos*, utilizado nesta pesquisa vai muito além de algo relacionado somente com a religiosidade, os festejos envolvem tanto os ritos religiosos, quanto também aqueles que estão longe da liturgia da igreja. Portanto, será tratado aqui os dois tipos de festejos, o religioso e o profano, neste sentido ambos acontecem no mesmo dia, porém em espaços diferentes.

A cosmovisão referente aos festejos religiosos na Bahia se destacam como as organizações dos eventos que dialogam com as entidades representantes de cada comemoração. As organizações religiosas por anos elevaram a qualidade dos festejos, a irmandades, as confrarias, as organizações populares, em todos os sentidos, apesar das diferenças condições de organização, a dedicação daqueles que se dispuseram em fazer parte de uma equipe de arranjo se opõem aos ritos da Igreja que, ao mesmo tempo, tenta seguir os rituais solenes da religiosidade, sem muita extravagância religiosa.

De acordo com Edilece Souza Couto, “um grupo de pessoas, normalmente da vizinhança, se reunia e se organizava numa associação destinada ao culto. Às vezes, o patrono escolhido já tinha sua capela, mas quando isso não acontecia o objetivo dos devotos era angariar fundos para a construção do templo” (Couto, 2010, p. 64). A autora aborda as várias formas de como as pessoas utilizam para ornamentar os festejos dedicados aos seus santos.

Quando se trata em ornamentação dos eventos religiosos, surgiram uma série de condições que contradizem os dogmas da religiosidade católica a ponto de ser incapaz de evitar esse avanço e comércio de organizações dos eventos tratados como religiosos. Surgiu então uma série de tratamentos diferentes para cada evento religioso. Apesar de ser a contragosto da Igreja católica, porém dentro de seus rituais litúrgicos, de certa forma acabou contribuindo para o surgimento dessas diversas forma de cultuar, festejas os santos.

Ao seguir um certo padrão de como conduzir cada momento em suas missas ou evento dentro do ambiente eclesiástico, a autoridade religiosa ali segue um rito de acordo com cada momento do eventos que vem sendo tratado. O uso das vestimentas, os objetos sacros, velas e alimentos servido durante o movimento religioso demonstra o quanto a igreja também detém de uma certa condição ritualista para cada momento, neste sentido é notório a observação por parte dos fieis que acabam, de certo modo criando um rito a parte para organizar os festejos para além da igreja.

Os diferentes preparativos para as festas demonstram a mistura entre as atividades de devoção –ornamentação do itinerário das procissões, arrumação das igrejas e a iluminação para as missas e novenas – e as profanas – preparação para as apresentações de música e dança, montagem de barracas para comida, bebida e jogos (Couto, 2010, p. 170).

Para cada santo um canto, uma solenidade, uma fidelidade e uma emoção. Esses famigerados sentimentos destoam perante aqueles que durante a sua vida se dedicou em transcender a sua devoção perante a comunidade humana e espiritual. Nota-se que apesar

dos poucos recursos existentes, principalmente onde o catolicismo popular se desenvolve, essa devoção seja o único e último recurso que se tem para alcançar as graças, portanto a forma caprichosa com que as pessoas fazem questão de organizar tal festejo seja uma garantia de que seus pedidos serão ou foram atendidos.

A festa religiosa se constitui também como experiência estética e sensorial: o cheiro da comida, o som dos hinos, os passos da procissão, o toque das imagens e o brilho das velas compõem uma liturgia expandida, onde o corpo é também veículo de fé. O catolicismo popular não é limitado à doutrina, mas se desdobra em práticas que mobilizam todos os sentidos, tornando a espiritualidade um fenômeno concreto e partilhado.

Edilece Souza aborda essa condição como o catolicismo lúdico e espetacular. É notório o quanto a prática de adoração é composta por etapas. O evento religioso conta com um roteiro detalhado a ser seguido. Começa-se por uma procissão<sup>1</sup> seguido pelo carregamento da imagem do santo pelos devotos, passando por um roteiro predestinado até chegar seu local de término. Neste momento final, geralmente em uma igreja ou ambiente destinado a realização de uma missa pós cortejo.

Durante a passagem do santo o que se vê são pessoas orando, tentando encostar na imagem, acenando e buscando atualizar seus votos de devoção perante a imagem que vem desfilando durante o cortejo religioso. Segundo Gilberto Gil em um trecho de sua música ele retrata bem sobre a passagem do desfile:

Olha lá vai passando a procissão  
Se arrastando que nem cobra pelo chão  
As pessoas que nela vão passando  
Acreditam nas coisas lá do céu  
As mulheres cantando tiram versos  
E os homens escutando tiram o chapéu  
Eles vivem pensando aqui na Terra  
Esperando o que Jesus prometeu  
E Jesus prometeu coisa melhor [...]  
(Gilberto Gil, 1965)

Neste momento a condição humana passa por uma transformação, o ser pensante muda a sua trajetória dividido no mesmo corpo entre o espiritual e o humano. O que se vê durante o percurso é uma festa religiosa ligada no seu mais íntimo momento espiritual. É o diálogo entre a fé e o ser que transborda o sentimento de gratidão e de dever cumprido por aqueles que se debruçaram na busca de entregar um festejo cheio de detalhes pelo qual a fé se transforma na ornamentação e entrega daquilo que lhes fora incumbido. Celebrar de forma que fique marcado na memória daqueles presentes, se tornou uma realização que

---

<sup>1</sup> A procissão é um ato de culto externo em que se manifestam com mais exuberância o sentimento religioso e a devoção popular; ela se destaca como o momento mais importante de uma festa religiosa na cidade ou durante uma romaria ao santuário visitado. As solenes procissões são práticas devocionais católicas impostas, ao longo do período colonial, como estratégia de conversão pelo clero, 390 cujos membros eram considerados agentes oficiais da religião e auxiliares da Coroa na preservação da fé entre o povo (Rosendahl, 2018, p. 389).

vai além do pessoal. O êxtase de satisfação chega no pico de realização pessoal e espiritual consagrado através do imaginário entre o sagrado e o profano, do espírito e de carne, do corpo e da alma.

Este contraste reverbera sobre o conceito de *fides*<sup>2</sup>, que está ligado diretamente na construção do ser social e sua capacidade de transformar um sentimento em algo tangível a ponto de ficar visível e marcado na memória daqueles que fizeram parte do cortejo e notaram uma estrutura composta pela fé, devoção e espiritualidade.

As manifestações religiosas brasileiras resultam de uma cultura profundamente miscigenada, tornando inviável a identificação de práticas religiosas absolutamente puras ou desvinculadas das múltiplas influências culturais existentes no país. Isto convém desde a chegada das primeiras caravanas em solo brasileiro, todo aquele processo de demarcação de fé e religiosidade impôs ao novo mundo, uma nova religião oriunda de uma invasão denominada de descobrimento. Com o advento da primeira missa celebrada na praia da Coroa Vermelha em Santa Cruz de Cabralia, no dia 26 de abril de 1500, ficou marcado na história europeia como a primeira missa em solo Brasileiro.

Neste contexto, há de se observar as condições impostas durante todo o processo em que o Brasil se transformou numa colônia de Portugal. Não somente a fim de retirar as riquezas do País, o descobrimento usurpou de forma violenta os rituais originários e suas liturgias dos povos nativos, condicionando assim a imposição do cristianismo perante os moradores locais. O culto aos algozes do Cristianismo imperou por séculos durante a formação do Brasil. Já com o advento da mão de obra escrava, onde em sua maioria os navios negreiros transportavam pessoas da África e atravessavam os oceanos com os navios lotados, trouxe consigo culturas e religiosidade, que apesar da imposição da Igreja católica em negar outros cultos e impor novamente o cristianismo, a simbologia que resistiu as demandas do catolicismo ficou presente na memória das pessoas e nas representações das divindades escolhidas como representante religiosa na terra *Brasilis*.

Para o Cristianismo o significado de profano, detém de tudo o que o homem produziu, fora do meio religioso, já o sagrado detém um posto de que sua produção é algo realizado dentro dos moldes religiosos, nesta condição, infere-se que o sagrado vem de

---

<sup>2</sup> A palavra "fé" em português tem origem no latim "fides", que significa confiança, crença, lealdade. Em Latim, "fides" é usado para descrever a confiança em algo ou alguém, e também a fidelidade a um compromisso ou crença.

algo místico, já produzido, que o ser humano apenas detém a condição de seguir aquele propósito.

Neste contexto, o sagrado e o profano caminham lado a lado. O sagrado surge exclusivamente do meio religioso, místico e cristão, já estabelecido em sua essência. Já o profano emerge da produção humana, que não possui as condições permitidas para a incorporação religiosa, mesmo assim coexiste, pois é parte integrante da experiência humana. Segundo Ruth Carla Benício da Silveira,

Apesar de o sagrado e o profano estarem ligados ao dia a dia do ser humano, como a cultura, política, a economia e a sociedade, eles nasceram com a mais antiga forma observável de manifestação das crenças humanas: a religião. No entanto, o conceito de religião ainda não definido nas premissas do tempo, já existia em atuação, através da magia, das crenças místicas, dos cultos e rituais de veneração e agradecimento. Portanto, o homem as estabeleceu como forma de suprir sua necessidade existencial (Silveira, 2013, p. 24).

Não se trata aqui de tabelar o mal ou o bem, é um debate sobre esclarecer a condição de um festejo que envolve ambos os públicos em comemoração que abrange os dois lados do festejo, o sagrado e o profano. Dentro dessa condição, o ser humano ampliou as questões relacionadas ao social devidamente separado do que seria o sagrado e o profano, apesar de existir essa discrepância, ambos continuam existindo contribuindo para a formalização do ser social. Porém, é preciso salientar que apesar da existência e convivência de ambos perante o meio social, para religiosidade existe um limite a ser respeitado entre o sagrado e profano. De acordo com Emile Durkheim,

A coisa sagrada é por excelência aquela que o profano não deve e não pode impunemente tocar [...] as coisas sagradas são aquelas que as proibições protegem isolam; as coisas profanas, aquelas a que se aplicam essas proibições e que devem permanecer a distância da primeira. (Durkheim, 1996, p.23-24).

Existe certo limite a ser respeitado entre ambas, porém, para o ser social, tendo à vista a sua necessidade e poder de escolha, ambas conseguem dialogar e permanecer no mesmo espaço sem que exista qualquer atrito. Partindo deste pressuposto, o homem se torna um ser profano a partir do momento em que ele não segue os moldes da questão religiosa, ora, o sagrado então não já nasce sagrado, pela lógica ele passa pelo processo de personificação e dentro desta construção os sagrados se torna o ápice de sua existência. Mas, como se tornar um ser 100% sagrado se durante a sua formação e existência o profano fez parte do meio social que ele foi inserido?

O que define o homem na esfera do sagrado e do profano, portanto, é sua relação com a religião ou religiosidade, pois está carregada de rituais e regras, cabendo ao crente viver segundo os preceitos de sua crença. Se o homem não adota para si uma perspectiva religiosa, ele está submetido à uma existência profana, mesmo que ele nem saiba o que isso signifique, pois para ele isso em nada afeta sua vida (Silveira, 2013, p. 31)

Para o ser pensante a formalização do sagrado condiz sobre o que a religião determina e delimita do que seria bom, já para o profano, tudo que esteja fora desses parâmetros religiosos são taxados de algo ruim, mal, não condizente com a doutrina da religiosidade. É importante ressaltar que a experiência religiosa contemporânea também passa por transformações. As festas passaram a dialogar com linguagens do turismo, das mídias digitais e das culturas juvenis. Marchi e Ferreira (2015), ao analisarem a cidade de São Miguel das Missões, no Rio Grande do Sul, identificam elementos que dialogam com práticas devocionais observadas na comunidade da Jaqueira, na Bahia. Em ambos os contextos, as ruínas da igreja não são apenas espaços de memória religiosa, mas também de múltiplas apropriações contemporâneas.

No caso gaúcho, as imagens das ruínas circulam amplamente em cartões-postais, materiais turísticos e nas redes sociais de visitantes, inclusive como pano de fundo para trilhas ecológicas e atividades esportivas. De maneira semelhante, na comunidade baiana, jovens utilizam o espaço para registros fotográficos e experiências estéticas que muitas vezes rompem com a tradição sacralizada, tencionando os limites entre o sagrado e o profano na vivência atual desses lugares de memória.

Do mesmo modo que não se pode negar que uma participação intergeracional nos festejos reforça seu papel como dispositivo de transmissão da memória comunitária. Crianças que assistem às procissões ao lado dos mais velhos são inseridas desde cedo nos códigos simbólicos e afetivos da devoção. A festa assim, é também onde se aprende, se vive e se atualiza a fé como memória encarnada. Cada festejo repete e reinventa os anteriores, atualizando promessas, vínculos e afetos. Trata-se de um tempo sagrado, onde o passado, o presente e o futuro se entrelaçam no gesto de fé.

Assim como em outras celebrações religiosas nos sertões baianos— a exemplo da romaria de Bom Jesus da Lapa ou das festas juninas em louvor a Santo Antônio e São João — os festejos a São Miguel Arcanjo na comunidade da Jaqueira expressam uma religiosidade enraizada na cultura popular, marcada pela oralidade, pela partilha e pela comunhão entre fé e vida. No entanto, a devoção a São Miguel assume na Jaqueira um caráter singular, pela presença simbólica da ruína da igreja e pela mobilização comunitária em torno da reconstrução simbólica da fé.

### CAPÍTULO III

## PRÁTICAS DE DEVOÇÃO NO FESTEJO DE SÃO MIGUEL ARCANJO

Este capítulo aborda as práticas de devoção observadas ao longo do festejo e suas liturgias praticadas pelos devotos, visitantes que participaram do encontromarcante durante o longo dia do festejo. O termo festa abordado neste capítulo se remete às comemorações, agradecimentos, pedidos e a forma de como o corpo de organização se empenham para entregar um momento mercante tanto para os visitantes quanto para seus devotos em si.

Neste contexto, o que se observa durante o fato de peregrinação religiosa é a forma de como a população em si incorporou um evento religioso, que por anos de dedicação e vontade de manter a tradição viva, que hoje, o festejo faz parte do processo de emancipação da cidade de Caém, sendo assim decretada feriado municipal no dia dedicado a São Miguel Arcanjo. Para muitos, o festejo tende a contribuir para a perpetuação de uma tradição já popular no município.

Apesar de a Igreja das Figuras não ter resistido às ações do tempo, por anos ela permaneceu sem os cuidados necessários, especialmente pela ausência de uma paróquia que a assumisse e acompanhasse suas condições estruturais, bem como os materiais indispensáveis para manter seu funcionamento e conservação. Como a igreja era um monumento particular, quando a paróquia em si teve conhecimento de sua existência, ela já estava deteriorada. Houve também um incêndio que acabou danificando ainda mais a estrutura da igreja e com isto acabou danificando uma parte do telhado<sup>3</sup>. No entanto, ao reconhecer que a igreja faz parte do processo de construção da identidade cultural da comunidade, a tradição de devoção permaneceu viva, mesmo após os acontecimentos que levaram o templo à ruína.

Quando se trata sobre identidade cultural, o monumento, a sua estrutura, ou qualquer outro objeto pertencente à igreja se torna prova tangível de todos os acontecimentos passados na igreja durante a celebração e cultua dos dogmas da Igreja católica. Desse modo, a cultura de culto aos santos, a realização de batismos, casamentos e missas proporcionaram à igreja uma rica trajetória de celebrações. Apesar da escassez de

---

<sup>3</sup> Sobre o incêndio que danificou a estrutura da Igreja das Figuras, não foi possível identificar a data exata do ocorrido. As entrevistadas não se recordavam com precisão ou apresentaram incertezas quanto ao período. Contudo, conforme o dito popular local, acredita-se que o incêndio tenha ocorrido entre o final da década de 1970 e o início da década de 1980.

documentos que comprovem esses eventos, os relatos orais revelaram detalhes importantes sobre como essas cerimônias eram realizadas.

Ainda sobre a festa, vale ressaltar que a parte religiosa acontece dentro das ruínas da igreja. Conta com uma estrutura que possibilita a realização de uma missa durante o dia dedicado a adoração e fé, como também, dentro de sua estrutura um local dedicado para oração e reflexão, contando com um espaço reservado para as velas e realização de pedidos e agradecimentos.

Para além das ruínas o templo, destaca-se também um momento fora do ambiente religioso, um momento de curtição, regado a bebidas alcoólicas e um som que se difere daqueles destinados aos momentos eclesiais, a famosa música mundana. Neste sentindo, destacam-se todas aquelas pessoas que por alguma forma estão envolvidas direta ou indiretamente com o culto a São Miguel, seja ela pelo lado religioso, ou o profano, porém, essa dualidade envolvendo a igreja, os devotos e aqueles que desejam participar do festejo de um modo não tão tradicional, faz com que aquele momento destinado a adoração, respeito aos rituais litúrgicos e a fé, transforma em contexto de diversificação no modo de devoção e representação da fé.

Apesar de conter certo contexto diferente entre o sagrado e o profano, confirma ainda mais a tese de que ambos estão interligados no sentido de formação do ser humano. Talvez, seguindo esse contexto de dualidade religiosa, a maneira diferente de cultuar e dedicar certa adoração ao santo, apesar de ser diferente, seja no sentido litúrgico, fora dos padrões que tece a Igreja Católica, não influencia diretamente no que concerne a fidelidade do culto e fé perante o santo homenageado. Afinal, cada um segue sua condição de adoração. Observa-se também neste sentido de como a cavalgada, marujada, e outros grupos que utilizam de meios fora dos padrões da igreja como forma de demonstração de fé e devoção. Para alguns, a fé está minimamente ligada aos meros detalhes dos rituais religiosos dentro da Igreja, já para outro o ambiente “Igreja” é apenas um detalhe, o que vale é a forma de como a fé esteja sendo trabalhada.

Durante a visita ao festejo, pude notar o quanto as pessoas são engajadas em manter essa tradição viva. Todos esses detalhes são perceptíveis ao longo de todo o trajeto até a igreja, uma mistura de devoção, fé, cuidado e zelo para com uma tradição que contempla um conjunto centenário presente na comunidade.

Apesar de a Igreja ainda não ter uma definição exata quanto ao município ao qual pertence, esse impasse a prejudicou por anos. Nenhum município se dispôs a incorporá-la oficialmente como parte de sua região, o que acabou permitindo que o tempo

agisse, levando à deterioração de toda a sua estrutura. Deveras a falta de interesse do poder público, não impediu que através dos devotos, fosse mantida a tradição de festejar durante o mês de setembro. Todos esses arroubos por parte das comunidades contribuíram para que até atualmente a memória existente nas ruínas da igreja permanecesse viva.

Ainda sobre a visita na comunidade da Jaqueira para a captação da entrevista de uma participante e devota assídua do festejo, Dona Ester, umas das mentoras que encabeçou projeto e com sua contribuição tornou real o evento dedicado a São Miguel Arcanjo. Durante a visita em sua residência, pude notar o tamanho da devoção que é representada através dos objetos contidos em sua residência, dentre ela uma tenda dedicada aos anjos, em especial, São Miguel Arcanjo. Construída com madeira e palha o ambiente reservado para as liturgias e oração.

Nas paredes existem imagens de São Miguel penduradas, no altar simples, velas e uma imagem se destacam naquele ambiente sagrado e cheio de histórias e memória. Para Ester, aquele local se destina a realização de oração, pedidos e agradecimentos, algo tão íntimo e espetacular que é demonstrado nos objetos particulares e na posição que eles são organizados. Tudo muito delicado e conservado que nos faz refletir sobre a existência humana e de como a religiosidade representa na vida e formação do ser humano. É possível afirmar que a representação mais íntima da fé e devoção, encontrada no ambiente predestinado e determinado como mantenedora da tradição secular, e que Graças ao empenho de dona Ester, se faz presente na comunidade da Jaqueira.

Desse modo, o clima de festa e feriado envolve toda a comunidade. A atmosfera festiva torna-se evidente já de longe, ao se avistarem os grupos reunidos para organizar e celebrar o festejo. Tudo é muito simples, porém carregado de sentimentos que transborda ao ser entregue da melhor maneira possível. O sentimento de pertencimento e credo transborda na região, e neste sentido, o contexto de produção e organização do evento só quando tudo estiver entregue da melhor maneira possível.

O dia 29 de setembro de 2022 na cidade de Caém é feriado, um dia dedicado e marcado pela peregrinação até a igreja das figuras. Durante o percurso é possível encontrar pessoas se deslocando a pé até a igreja, certamente, uma forma de agradecimento, pelas graças alcançadas. O clima presente no dia é de devoção.

No que concerne o debate sobre a localidade pertencente à igreja, neste dia essa questão é deixada de lado, o que demonstra a união desses municípios em prol do festejo e na qualidade de mantenedora, fazem questão de contribuir de alguma forma para com a

organização do evento. Neste dedicado a Miguel Arcanjo, os 4 municípios estiveram presentes, desde representantes políticos como representantes religiosos das 4 cidades, Jacobina, Mirangaba, Caém e Saúde. Os 4 padres representantes da religião católica puderam reunir seus fiéis e celebrar uma missa em homenagem ao padroeiro da Igreja. Uma data que ficou para a história e na memória das pessoas que vivenciaram este marco cheio de fé e devoção que acontece anualmente e envolve centenas de pessoas marcadas pela ânsia da fé e religiosidade popular. O coletivo popular marcado pela condição humana em se reunir a fim de exercer seus rituais litúrgicos independente da sua condição, seja ela social, cultural ou financeira.

É evidente o quanto a necessidade de se alimentar ou preencher um espaço reservado para a alma através da adoração e fé, conduz uma ritualística que tomada por atitudes a fim de reverberar o seu credo e transformando-o em algo tangível, define o ser humano como único e capaz de explorar sua fé. Seguindo essa perspectiva, a religiosidade popular tende a obter um papel essencial para aquelas pessoas que são pertencentes as comunidades distantes e que a necessidade de cultuar e manter a tradição religiosa viva. A união dentro das pequenas localidades, formada por aqueles que tendem a perpetuar as tradições religiosas, buscam de alguma forma solidificar a sua fé e preencher o seu corpo e espírito através das manifestações religiosas . Para Parker a religiosidade popular se define como:

[...] as religiões populares são manifestações coletivas que exprimem a seu modo, em forma particular e espontânea, as necessidades, as angústias, as esperanças e os anseios que não encontram resposta adequada na religião oficial ou nas expressões religiosas das elites e das classes dominantes (Parker, 1996, p. 55-56).

Neste sentido, observa-se que, em se tratando de uma religiosidade que durante anos passou por um processo de realização através de seus moradores, tendo em vista a dificuldade de transportes e obstáculos impediram que as comunidades distantes tivessem acesso a igreja, principalmente aquelas pertencentes às regiões das grandes capitais. Apesar das dificuldades encontradas por conta do acesso, as pessoas resolveram por conta própria desenvolver métodos que pudessem exercer seus direitos de cultuar e venerar à sua religião. Como abordado anteriormente, em se tratando da Igreja das Figuras, sua construção foi motivada por uma necessidade de culto e adoração à São Miguel Arcanjo, neste sentido a obra foi toda custeada pelo seu mentor Romão Gramacho, uma obra particular, porém o acesso à Igreja era aberto ao público.

Figura 5: Celebração da Missa dedicada a São Miguel Arcanjo



Fonte: Arquivo pessoal (2022)

Nos tempos áureos da mineração, dentro da formação das comunidades, todo o processo de formação e exploração dessas riquezas, houve necessidade de formação de vilas, e nesta grande movimentação surgiam as comunidades ao redor desse garimpo, a partir desse momento é que começa a história envolvendo a Igreja das Figuras e a sua invocação de Fé e Devoção a São Miguel Arcanjo. Denominado de protetor das Almas, o Arcanjo caiu nas graças dos devotos da Igreja católica como protetor, sua luta e guarda foi determinante para que ele se tornasse símbolo de luta e proteção.

A escolha de São Miguel Arcanjo como mentor da Igreja das figuras ainda é incerto, tendo em vista a falta de documentação que pudesse comprovar uma relação de representatividade entre o Santo e Romão Gramacho como justificativa de escolha para ser homenageando na Igreja. Outro motivo que tece a possibilidade de escolha de

Gramacho, poderia ser algo pessoal também, algum pedido, alguma graça alcançada ou até mesmo a proteção do santo ao longo da exploração das minas durante as passagens dele pelas terras distantes em busca de metais preciosos.

### **3.1 Entrevistas e reflexões acerca das mesmas**

Em busca de relatos que pudessem fundamentar a minha pesquisa, optei por fazer duas entrevistas, Dona Floraci de Oliveira Santos, de 58 anos, moradora da comunidade do Barroão de cima. E Dona Ester Oliveira de Araújo, 71 anos, moradora da comunidade da Jaqueira, Caém Bahia. Ambas devotas de São Miguel Arcando e frequentadora do festejo dedicado ao santo. A relação das duas, apesar de espaços diferentes, tempos distintos, ambas detêm consigo traços em comum, o poder de fé e suas vivências presenciadas ao longo de suas vidas. Os relatos das duas compõem de forma sistemática as memórias apresentadas durante o desenvolvimento deste trabalho.

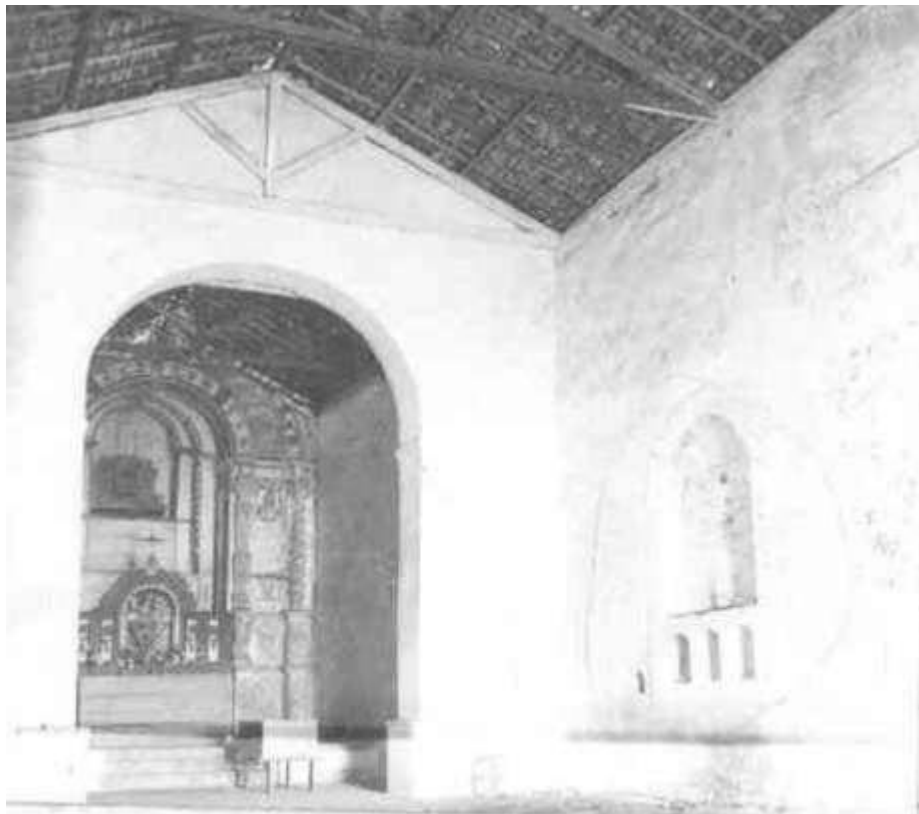
Ao longo da contextualização das entrevistas de ambas, é possível notar o saber popular demonstrado através das palavras ditas. Neste sentido, observa-se que, ao logo da construção do processo de formação da memória de ambas, a maior parte da história relacionada com a igreja, os festejos e os traços marcantes continuam vivos, porém resguardados em um local privilegiado, íntimo que somente o seu lado individual tem acesso, à sua memória, uma lucidez capaz de encantar qualquer pesquisador que ouse buscar fatos à formação e rememoração da religiosidade popular presente na história de ambas.

Os relatos de Floraci de Oliveira Santos trazem uma bagagem rica e marcante de memórias sobre sua vivência na Igreja das Figuras. Nesses relatos é possível constatar a relação de fé e devoção depositada a São Miguel Arcanjo ao longo dos anos. Desde 1970, dona Floraci, visitante assídua da igreja, traz relatos importantes do seu funcionamento quando ela ainda estava com toda sua estrutura capaz de acontecer celebrações, missas, casamentos e rituais religiosos.

No dia 29 de setembro as caravanas vindas de vários pontos da região geram um movimento de pessoas munidos de vários sentimentos religiosos que transparecem nos semblantes das pessoas. Neste sentido, visando um acesso melhor no trajeto até a Igreja, a prefeitura municipal de Caém, com a parceira dos moradores da comunidade da Jaqueira, acolhem de forma calorosa os visitantes. Essa parceria se dá por meio da organização conjunta da logística do evento, manutenção das vias de acesso, recepção

dos romeiros e apoio à estrutura necessária para a realização do festejo, evidenciando o envolvimento comunitário na preservação da tradição local.

Figura 6: Altar da Igreja das Figuras. Foto datada entre 1970/1979



Fonte: Arquivo pessoal de Dona Floraci

Ainda sobre as histórias envolvendo a igreja e seu entorno, durante o processo de fundação da Igreja, os relatos sobre o modo de como ela foi construída e as lendas em torno dela reforçam um estereótipo emanado de memória e contos que transcendem além do tempo histórico e de sua percepção temporal. Para dona Ester e dona Floraci, o fato da Igreja não possuir uma condição capaz de realizar rituais religiosos, não impede que as memórias ali presentes sejam conservadas e contadas através de representações tanto pelo festejo que acontece anualmente, quanto pelas suas ruínas, que detém em seu entorno diversas histórias. As histórias que fazem parte da memória em torno da Igreja são diversas, desde memórias envolvendo situações religiosas, quanto as histórias que são ditas mundanas. Essa dicotomia pertencente envolvendo tanto a Igreja quanto o festejo dedicado a São Miguel, estão presente nos relatos dos moradores mais antigos e ou frequentadores da igreja.

Durante o festejo, dialogando com diversas pessoas em busca de relatos, em um diálogo informal obtive informações relevantes que reforçam os indícios da formação e

estruturação da igreja durante o processo de exploração no auge da busca de metais preciosos na região. Um fato que me chamou atenção foi através de um senhor, nesta ocasião não houve captação de áudio, o ambiente estava muito movimentado por conta da agitação das pessoas durante o dia de missa e adoração. Neste relato, observa-se o contraste entre o religioso e o mundano.

Para um senhor que disponibilizou um pouco de sua memória referente a igreja, o processo de exploração de ouro, ele expõe de forma natural em um dia dedicado a fé e devoção, um fato marcante em sua memória. Com o advento da exploração por parte dos garimpeiros na região, e conseqüentemente com o sucesso proveniente da captação desses materiais preciosos, a condição humana de realizar comemorações, suprir os desejos carnis, detinham certa condição peculiar em torno da igreja. Para ele, um fato marcante foi que durante esse período em torno da igreja e nos garimpos, existiam mulheres que trabalhavam para satisfazer os garimpeiros com suas experiências sexuais, o senhor utilizava o termo de “as raparigas” como referência as essas mulheres que trabalhavam na noite, proporcionando prazer e desejo carnal aos garimpeiros.

Este contraste entre memórias evidencia de fato, a condição humana durante o processo de formação de comunidades, estadia ou até mesmo passagem por pouco prazo. As histórias deixadas pelo ser humano condizem com uma situação às vezes normalizadas perante o contexto social temporal. As evidências, apesar de escassas, mas viva na memória daqueles que presenciaram os fatos, demonstram muitas vezes como o ser humano se apropria de uma condição, que às vezes não é sua, mas a necessidade de sobrevivência o obriga e o faz se transformar em algozes e detentores de memória, capaz de rememorar durante a sua longa jornada de exploração e conhecimentos de diversos fatos ao longo de sua vida.

Durante a entrevista com dona Ester, em seus relatos, é evidente a importância da representação da imagem de São Miguel para a igreja e o festejo. Devota fervorosa, em suas memórias são guardados acontecimentos vividos durante todo o momento enquanto esteve à frente da conservação e cuidado para com a Igreja das figuras. Ester é uma mulher importantíssima e essencial para a continuidade do festejo tradicional. Movida pela fé e graça a Miguel Arcanjo, a sua peregrinação é mercada por contos e encantos resguardados em sua memória e disponibilizados em sua entrevista. Sua contribuição para a história condiz na maioria das vezes com a de várias pessoas que utilizam da fé como uma forma de amenizar determinadas situações que assolam as pessoas durante o processo de vivência em sociedade, muita das vezes o apego na fé representa um acalento na alma,

corpo e espírito, algo deveras encontrado durante a sua existência humana em sociedade. A sua história começa em torno de 1971, quando, segundo seus relatos, um casal de vizinhos a convidou para fazer parte do batismo de uma criança, foi quando ela teve seu primeiro contato com a Igreja das Figuras, na época o Padre Alfredo ainda celebrava missas na igreja. Desde esta data o festejo já acontecia, apesar do acesso a igreja não proporcionar certa condição adequada para o deslocamento, o trajeto era feito através de uso dos animais, jumentos, cavalos ou até mesmo a pé.

Figura 7: Imagem de São Miguel Arcanjo localizada na Igreja da Conceição em Jacobina-Bahia.



Fonte: Arquivo pessoal cedido por Diego Rego.

Criada em um ambiente familiar que por sua vez tinha o costume de cultuar santos, Dona Ester herdou de seus familiares o gosto da devoção e fé vividos por toda sua infância. As histórias que lhes foram apresentadas e vividas ao longo de sua vida, contribuíram para que já na fase adulta pudesse dar continuidade ao legado religioso deixado pela sua família. Este apego, vem de longe, transferida de geração em geração, logo, ao ser uma devota que busca nas raízes culturais de seus familiares, Ester detém certo controle e sabedoria para explicar detalhes de como a sua fé se transformou em um instrumento de perpetuação da memória individual e coletiva.

Diante das informações cedidas pelas entrevistadas, os fatos narrados descrevem as condições do processo de construção da Igreja. Para dona Ester e dona Floraci, Romão Gramacho com sua sanha na busca de ouro, encontrou ali na serra das figuras um local ideal para início das obras de uma Igreja.

Sei que, segundo me contaram, que essa igreja foi construída em 1755, pelo Bandeirante Romão Gramacho Falcão, na época da colonização do Brasil. Contam que Romão vinha em busca de ouro aqui no Brasil. E aí ele fez uma promessa que onde ele chegasse e encontrasse ouro, construiria uma igreja. E assim ele fez. Quando chegou aqui na Serra das Figuras, encontrou ouro e fez a casa dele. Inclusive até hoje tem as ruínas da casa dele. assim pouco atrás da igreja, aí disse que ele saiu para procurar onde iria construir a igreja<sup>4</sup>.

Os relatos demonstram certa clareza e conhecimento dos fatos narrados. Neste sentido, dona Ester utiliza das memórias coletivas para perpetuar as histórias contadas, que de alguma forma, traz consigo uma verdade que ao analisar o contexto dos fatos narrados acabam sendo casado com as fontes encontradas nas poucas documentações existentes referentes a Igreja. Porém, observa-se também que apesar de grande parte do relato ter certa condição fidedigna, existem contos que se misturam com os fatos. Neste contexto, os contos enriquecem ainda mais às memórias e com isto os relatos acabam se misturando de uma forma que, em grande parte das histórias contadas transforma este momento uma dicotomia caótica entre o imaginário e o real.

E assim ele fez. Quando chegou aqui na Serra das Figuras, encontrou ouro e fez a casa dele. Inclusive até hoje tem as ruínas da casa dele. assim pouco a tarde da igreja, aí disse que ele saiu para procurar onde iria construir a igreja. Conta a pesquisa oral que ele avistou o Arcanjo Miguel numa árvore e ali ele disse que ali seria o local da igreja. E assim aconteceu. Muita gente conta muitas lendas, muitas histórias, e são muitas. Tem uma pessoa que viveu, foi zeladora da igreja desde criança, isso lá pelos idos da década de 40. Então, ela já me passou muita história, que depois eu posso até passar para o.. que é importante. Muito mesmo, muito divino<sup>5</sup>.

Essas narrativas, que mesclam o lúdico com o real, muitas vezes tendem a apresentar os fatos de forma que transformem experiências simbólicas em acontecimentos concretos. Observa-se nos relatos coletados durante as entrevistas, que em determinados momentos, essas histórias correspondem a versões que com alguma investigação, ajudam a preencher lacunas deixadas pela ausência de documentos comprobatórios. Nesse sentido, foi possível captar em áudio uma justificativa que reforça o motivo pelo qual Romão Gramacho Falcão teria escolhido as serras das Figuras para erguer uma igreja. Segundo o relato, a construção foi resultado de uma promessa feita por ele: ao encontrar

<sup>4</sup> Entrevista da senhora Ester, 69 Comunidade da Jaqueira, Caém Bahia. Concedida no dia 28 de setembro 2022.

<sup>5</sup> Entrevista da senhora Ester, 69 Comunidade da Jaqueira, Caém Bahia. Concedida no dia 28 de setembro 2022.

ouro durante suas atividades de garimpo, comprometeu-se a cumprir a promessa e construir o templo. Todavia, apesar das informações obtidas, o motivo da escolha de São Miguel Arcanjo como santo homenageado na igreja ainda permanece incerto.

Para dona Floraci, sua participação e devoção junto à Igreja, começou desde cedo, aos seus 14 anos ela já frequentava a igreja e o festejo também já existia. Nesse período a Igreja encontrava-se em seu auge, contando com uma estrutura capaz de acomodar os fiéis para a celebração de missas, casamentos e batismos. Contava também com um altar, que no mesmo continha ouro, extraído da própria região, e também a presença de uma imagem do Arcanjo Miguel (Figura 8).

As histórias que fazem parte do processo de perpetuação da memória e representação da Igreja continuam fazendo com que os relatos possam reafirmar de como esses contos são importantes e representam o poder da fé. Ainda sobre a Igreja, uma história bastante peculiar continua viva e transcendente na oralidade das pessoas.

O povo que conta, né? Que o Romão, depois que a igreja estava toda bonita e tal... Sim, é uma igreja católica, né? E aí ele convidou um padre pra vir fazer a celebração, E o tal do diabo não gostou, porque ele achava que podia tomar posse, né? E aí, se deu um coice que a parede ficou meio torta, que até hoje a gente nota, mesmo estando em ruínas, que ela é meio caidinha pro lado, assim<sup>6</sup>.

Os mistérios que envolvem a Igreja das Figuras são tantos, porém, vamos detalhar aqui alguns fatos e narrações que trazem um pouco do extraordinário que atraem olhares para a igreja e o festejo. Ainda nos tempos da exploração de ouro, durante o período da construção da Igreja, um monumento chamou atenção nos devotos. Imagem de São Miguel Arcanjo, informações sobre data da escultura, quando e como a imagem chegou até a Igreja, mas até o momento as informações contadas através das entrevistas é que a imagem seria de Portugal ou Espanha, chegando à igreja através de seu mentor, Romão Gramacho Falcão.

---

<sup>6</sup> Entrevista da senhora Ester, 69 anos, Comunidade da Jaqueira, Caém Bahia. Concedida no dia 28 de setembro 2022.

Figura 8: Imagem de São Miguel da Igreja das Figuras



Fonte: Acervo pessoal (2022)<sup>7</sup>

Existe um dilema envolvendo São Miguel Arcanjo. Para algumas pessoas ele é denominado como santo, para outros é arcanjo. Essa dicotomia existe pelo fato de ambos representarem de forma religiosa e bíblica dentro da devoção católica. Porém, de acordo com os preceitos religiosos, o que difere arcanjo de santos é praticamente uma questão espiritual e humana. Para ser considerado um santo, alguém deverá passar por todos os processos de reconhecimento e canonização, exceto aqueles já existente na Bíblia.

Bom, na verdade, os arcanjos não são santos. Eles são arcanjos. E o que são os arcanjos? Principalmente esses quatro arcanjos são uma extensão de Deus, né? Que eles são luz com consciência. Deus é uma luz com consciência, com todo o poder criador. Os quatro arcanjos são extensões desse Deus, né? No universo<sup>8</sup>.

Em se tratando dos Arcanjos, eles são reconhecidos de forma direta na bíblia e nela são lhes dado seus determinados postos. Apesar de existir essa diferença nas terminologias,

<sup>7</sup> Imagem de são Miguel presente neste festejo é apenas um exemplar. A obra Original encontra-se na Igreja da Conceição na cidade de Jacobina Bahia.

<sup>8</sup> Imagem de são Miguel presente neste festejo é apenas um exemplar. A obra Original encontra-se na Igreja da Conceição na cidade de Jacobina Bahia.

essas questões específicas não influenciam como seus devotos tratam as imagens de devoção, deveras, em apenas existir uma imagem que represente qualquer ser sagrado ele se torna um santo através do apelo popular.

Para Ester a representação de Miguel Arcanjo como santo protetor vai além de uma mera simbologia católica. A sua adoração e dedicação ao santo rendeu histórias inimagináveis. Para ela, apesar de São Miguel ser representante máximo dos quatro arcanjos e homenageado na Igreja, seu papel dentro do ambiente sagrado não seria uma escolha em vão. Existem vários fatores religiosos que compõem todo o ambiente ao qual por anos ficou servindo de fé e oração. Para Ester, São Miguel seria apenas um representante, que através dele, os devotos também pudessem trabalhar com os outros Arcanjos. Na escala da religiosidade, os Arcanjos são divididos em quatro 4. São Miguel, Gabriel, Uriel, e o Rafael. No entanto, apesar deste trabalho estar focado em Miguel Arcanjo, na igreja, existe uma ligação forte com os 4 arcanjos. De acordo com a entrevistada, em sua condição de devota e deter certo conhecimento, ela detalhou de como a representação de cada arcanjo esteja ligada com a igreja.

O Arcanjo Miguel, ele é o arcanjo do sul, que fica pra Jacobina. Pelo mapa, né? Isso a gente vê pelo mapa. Arcanjo Miguel, o elemento dele é fogo. Então, portanto, ele diz que Ele é o único que pede uma vela quando é preciso, porque é o elemento dele. O Arcanjo Uriel é o arcanjo do norte e o elemento é terra. O Arcanjo Gabriel é o arcanjo do elemento água. Esse fica no Oeste, né? Que, portanto, é cidade de Mirangaba. E o Arcanjo Rafael fica ao leste, na nascente, que o elemento é ar. Então, isto compõe os quatro elementos dos quadrantes da Terra.

Sobre a imagem de São Miguel Arcanjo, após o abandono da igreja, do incêndio e da queda do telhado, a imagem sacra acabou desaparecendo. Neste meio tempo, acredita-se que ela estava sendo protegida na casa de algum devoto, no entanto, não existe certeza sobre este fato. Depois de anos à sua procura, o santo foi encontrado e devolvido à Igreja.

De onde veio, na verdade? Na época da restauração, inclusive, foi até tirado um raio-x da imagem pra ver se tinha alguma coisa por dentro. Segundo o tráfico de ouro meio das imagens, né? Daqui do Brasil pra fora. Mas nada, encontraram. Um dos restauradores tentou intuitivamente até sentir de onde ela tinha vindo, se era da Espanha, se era de Portugal e tal, mas ficou por isso mesmo. Não conseguiram identificar nada. Mas o importante é que encontra a imagem e a imagem foi restaurada em 2016<sup>9</sup>.

Neste meio tempo, com a devolução da Imagem, ela passou por um processo de restauração no ano de 2016, hoje a imagem se encontra na igreja da Conceição em Jacobina Bahia (Figura 7). Um fato interessante, a imagem por ter sido de uma época

---

<sup>9</sup> Entrevista da senhora Ester, 69 anos comunidade da Jaqueira, Caém Bahia. Concedida no dia 28 de setembro de 2022.

onde o processo de exploração estava acontecendo em seu auge, existiam histórias de que no interior da imagem detinha ouro, com isto a imagem, durante o processo de restauração passou pelo Raio x e com isto, constatou de que a afirmação de conter ouro dentro do santo seria falsa. São muitas histórias que envolvem a Igreja das Fíguas e seus fiéis, o fato é que durante todo o processo de sua existência passaram por ali vários romeiros, cada um com sua história diferente. Para dona Floraci, sua história com a igreja e são Miguel Arcanjo vai além de uma devoção, para ela seu convívio com a Igreja, a sua participação dos festejos, seu envolvimento no processo de cuidado e zelo com a igreja se tornou uma rotina praticamente em sua vida. Uma história dedicada de amor e zelo, e além de tudo um local vivo de histórias e momentos ligados à sua família e amigos (figura 9). A seguir, seu relato nos conduz a uma evocação afetiva e visual do templo e das festas, entrelaçando lembranças pessoais com elementos coletivos da vida religiosa local:

E quanto à fé também do Senhor São Miguel, todo ano, quando eu estudava em Santa Cruz, nós íamos para lá, para a igreja rezar o texto. Senhor São Miguel, conheci a igreja perfeita. E aquela do altar também, que tem alguns ex-alunos meus lá no altar. Eu pus no papel, era de binóculo, pus no papel. Acho que mandei para você também, né? Então as graças foram muitas. A São Miguel era muito bonita ali naquela igreja, São Miguel. Como você sabe o ano que foi feito e tudo. E ali era um povoado, tinha duas carreiras de casa, de um lado e do outro. O povo ia para lá já para dormir, um dia antes. Do dia 29 as pessoas já iam para dormir. Põe muitas barracas lá na igreja, né? Barraca de vender comes e bebes e tudo. E muita gente. Os pessoal ficava no coro. Os homens ficavam em cima, lá em cima do coro. E as mulheres ficavam na parte de baixo do coro. No chão, como se diz. E tinha dois coros na igreja. Um atrás do altar e outro na frente do altar. Igreja muito grande também. Foi tudo de bom, Júnior. É tanta coisa que falar fica difícil assim, mas dá para resumir um pouco de tudo que de bom. Eu só tenho boas lembranças, saudade também. É uma história linda<sup>10</sup>.

Do ponto de vista simbólico, o testemunho de Dona Floraci expressa um sentimento de perda e saudade, mas também de gratidão. Há uma clara consciência de que a igreja transformou-se, fisicamente e espiritualmente, mas que a memória dos bons momentos, como ela mesma diz, permanece como herança viva. Por fim, a riqueza desse relato está também na sua oralidade performativa: ele reconstrói o passado com emoção, pausas, detalhes visuais (“como nas fotos que mandei para você”), e torna-se, ele mesmo, um ritual de celebração daquilo que foi vivido e daquilo que permanece como presença invisível.

---

<sup>10</sup> Entrevista da senhora Floraci, 65, Igreja das figuras, Caém-Bahia. Concedida no dia 29 de setembro de 2022.

Figura 9: Altar da Igreja das Figuras, 1970



Fonte: Arquivo pessoal cedido por Dona Floraci.

É possível notar, na figura acima, a imagem de São Miguel Arcanjo atrás das pessoas no oratório. As pessoas identificadas na foto são: Da esquerda para a direita, Jiuvaldina, Marinalva, Rosa, Tereza (Falecida), José Reis, Manoel dos reis e José Antônio. Alunos de dona Floraci. Todos os moradores são da comunidade do Coqueiro.

Dona Floraci lecionou durante muitos anos na comunidade do Coqueiro, localizada nas proximidades da Igreja das Figuras. Sua trajetória como educadora está profundamente entrelaçada com a história da devoção a São Miguel Arcanjo, especialmente no que diz respeito à sua própria formação escolar e à vivência espiritual na comunidade. Seu depoimento revela não apenas memórias dos festejos, mas também uma experiência de fé que atravessa gerações e se manifesta como força propulsora na superação de desafios pessoais. A seguir, seu relato nos conduz a um momento marcante de sua vida, no qual a religiosidade desempenhou papel central:

E eu desde criança, desde meus 10 anos, já frequentava a igreja, né? Tem muitos anos, por isso as histórias são muitas. E quantos milagres. Os festejos aí também eram muito lindos. Os milagres que eu consegui através da fé, não é? Porque nós confiávamos em São Miguel. Principalmente para aprender a ler. Eu não sabia ler, já grande não sabia nem ler, nem escrever. E minha mãe não queria muito que eu fosse na escola. Minha mãe era analfabeta, era descendente de índio, né? E não queria que eu estudasse, não. Minha madrinha fez muita

força. Ela era muito devota de São Miguel, que hoje ela é falecida, madrinha Antonieta. E eu ia para lá, mas ela, para as figuras, com os outros alunos dela. Ela me pôs na escola e eu comecei a estudar. E eu achava que eu ia ter muita dificuldade de aprender. Me apeguei com o Senhor São Miguel. Ele me ajudou que eu aprendi rapidinho. Você acredita que em um ano sozinho eu li o ABC da época que era, né? Que eu vim me formar depois em 77 que eu me formei. Porém, em um ano sozinho, quando eu comecei a estudar da época que eu tinha 10 anos, em um ano sozinho eu li o ABC, cartilha e entrei na primeira série. Acompanhei as outras amigas que estavam adiantadas. Eu fiz segunda, terceira e quarta série. Comecei a ensinar muito cedo, ensinava alfabetização. Depois fui para Jacobina e lá também, através da fé de Senhor São Miguel, consegui me formar, consegui fazer o magistério. E é tudo de bom. Eu deu o Senhor São Miguel e agradecido também<sup>11</sup>.

O relato de Dona Floraci nos traz inúmeras questões para pensarmos, como por exemplo, sua trajetória de vida, marcada por dificuldades no acesso à educação formal e resistência familiar, é profundamente atravessado por uma devoção ativa a São Miguel Arcanjo. Ao narrar que aprendeu a ler com o auxílio do santo e que se formou no magistério “através da fé”, Dona Floraci ressignifica o processo educativo como uma experiência espiritual. De fato, a escola, a igreja e a fé se entrelaçam como espaços de pertencimento e formação. Outro aspecto fundamental no depoimento é o protagonismo feminino. A figura da madrinha Antonieta — mulher, devota e incentivadora da educação — aparece como ponte entre o sagrado e o cotidiano, entre o cuidado e a luta por dignidade. Ao desafiar o desejo da mãe de manter a filha fora da escola, podemos dizer que ela representa a resistência silenciosa de muitas mulheres que, nas margens, mantêm viva a chama da esperança e da fé ativa. Por fim, ao rememorar os festejos “lindos”, os milagres, e o aprendizado marcado pela fé, Dona Floraci constrói um testemunho onde o sagrado não está confinado à igreja ou à liturgia, mas permeia a vida, os gestos e as decisões.

Para dona Ester, um fato que marcou sua vida, foi quando ela pôde celebrar sua união com seu companheiro. Neste ano de 2008, as ruínas serviram de palco de uma celebração marcada de união, fé e amor entre o casal.

“Bom, houve um fato muito importante e marcante na minha vida. Foi quando eu conheci o meu companheiro e nós decidimos que teríamos uma cerimônia lá na igreja no dia 29 de setembro. Isso, naturalmente, não seria possível, até segundo a ordem, né? Mas como eu sou muito próxima do padre José, que mora na casa de repouso, conversando com ele e tudo<sup>12</sup>.

Para Dona Ester, ciente da recusa por parte da Igreja em celebrar seu casamento, tendo em vista que seria o seu segundo, e por motivos de dogmas da Igreja, essa celebração

---

<sup>11</sup> Entrevista da senhora Floraci, 69 anos, Igreja das figuras, Caém-Bahia. Concedida no dia 29 de setembro de 2022.

<sup>12</sup> Entrevista da senhora Ester, 69 anos, Comunidade da Jaqueira, Caém-Bahia. Concedida no dia 28 de setembro 2022.

seria impossível. Apesar de toda essa situação desanimadora, não desanimou a fiel a realizar sua celebração em plena luz do dia, diante da missa dedicada a São Miguel, e para enriquecer ainda mais essa história de devoção a data escolhida foi justamente o dia dedicado ao Arcanjo, 29 de setembro de 2008.

Mas eu também preparei, uma amiga minha se preparou como uma sacerdotisa angélica para fazer a celebração da união. Isso foi muito divino, muito, muito mesmo, porque aquele céu aberto em quase pleno meio-dia, muita luz, muita luz, e foi muito forte aquele momento. Sentimos realmente a presença dos arcanjos e dos anjos nos abençoando. Isso me fez muito mais feliz e muito mais ligada, né? Figuras. Muita gente presente. Era uma segunda-feira. Eu creio que foi o ano que mais gente apareceu nessa igreja<sup>13</sup>.

As histórias compartilhadas por Dona Ester e Dona Floraci revelam um saber popular adquirido e preservado ao longo de suas vivências. A importância dessa memória viva destaca um conhecimento que, até certo ponto da historiografia, era considerado irrelevante ou sem valor. Para além, ambas ao disponibilizarem um pouco de suas histórias, contribuíram de forma direta na perpetuação da memória e daqueles que fizeram parte de todo o processo de construção, seja de forma direta ou indireta. Para Ester, o festejo reforça uma condição do ser humano em possuir uma capacidade que demonstrada nos rituais de fé compõe o que chamamos de rituais religiosos e sagrados. Diante da existência de uma indiferença religiosa durante o cortejo, missas, suplicações, cortejos, bebidas, essa junção e o contraste encontrado durante o festejo, só reforça a magnitude da representação da fé do homem, representada através de suas graças alcançadas e o esforço destinado como gratidão marcado pela ânsia e apego espiritual ao santo.

Durante o festejo, é possível notar as caravanas chegando na Igreja, com os padres que realizarão uma procissão seguido de uma missa. Neste momento todos se reúnem e sobem o morro seguindo de cantos clérigos, em direção a igreja, e com uma imagem de São Miguel Arcanjo em cima de um andor.

“Olha, a festa do Arcanjo Miguel atrai muita gente. E é incrível, né? As pessoas retornaram com muito mais amor, muita mais devoção. E eu sinto completamente realizada com o que eu assisto atualmente. Quando eu moro num sítio próximo, as pessoas sobem a pé, vêm de qualquer forma. Vão até de bicicleta, vão de cavalo, vão com o que é possível. Mas vão com toda alegria, todo sentimento. Muitos vêm pagar promessa, porque são muitos milagres. Acontece muitos milagres com essa devoção a São Miguel<sup>14</sup>.”

---

<sup>13</sup> Entrevista da senhora Ester, 69 anos, Comunidade da Jaqueira, Caém Bahia. Concedida no dia 28 de setembro 2022.

<sup>14</sup> Entrevista da senhora Ester, 69 anos, Comunidade da Jaqueira, Caém Bahia. Concedida no dia 28 de setembro 2022.

A multidão se devota diante do cortejo, e todos os olhares voltados em direção da imagem na subida do monte, muitos preferem fazer parte daqueles que carregam a imagem, e com isto o rodízio de pessoas durante o trajeto é realizado. O significado em poder realizar essa peregrinação levando o santo até o destino final acaba sendo algo íntimo e particular de cada pessoa. O importante é poder fazer parte da celebração e deixar ali registrado certo momento para reflexão e adoração.

Ao longo do dia, as pessoas vão chegando e com isto seus desejos e necessidades são depositadas em um lugar específico através de velas e são colocadas em um espaço destinado à adoração e pedidos.

Figura 10: Altar destinado a Devoção a São Miguel Arcanjo



Fonte: Arquivo Pessoal (2022)

Figura 11:Devoção



Fonte: Arquivo Pessoal (2022).

Além de relatar sua trajetória de fé, Dona Floraci reforça um aspecto fundamental da religiosidade popular sertaneja: o poder das promessas e o cumprimento das graças atri buídas ao santo padroeiro. Sua fala demonstra a crença em São Miguel Arcanjo como intercessor, mas também a forma como a natureza e os sinais do cotidiano se integram ao universo da fé. A experiência religiosa narrada por ela não se limita ao interior da igreja ou às práticas formais da liturgia, mas estende-se ao mundo natural e simbólico da comunidade, onde o céu, a chuva e a paisagem rural também falam de Deus.

E quanto promessa, todas as pessoas que faziam uma promessa, era válido. Não teve um que fizesse uma promessa que não conseguisse o objetivo, né? então é um santo de nossa devoção. Até a chuva daqui do barracão, onde eu moro, barracão de cima, que faz divisão, Jacobina e Mirangaba. Quando a chuva vem do lado de lá, a gente já sabe. Se a chuva vem do lado de lá, vai chegar aqui. E era rápido e chegava mesmo. De uma posição que a gente dissesse, a chuva vem do lado de São Miguel. Era instantânea, a chuva vinha. Esses dias estava estiado, mas quando nasce uma nuvem do lado de lá, a gente já sabe que vem. E a chuva boa, que a seca aqui está muito, né? mas quando qualquer nuvem que aparece do lado de lá da igreja, vem. Hoje só tem as ruínas, mas eu conheci a igreja perfeita, isso eu te garanto. Conheci perfeita. Guardo com muita saudade, boa lembrança, meu amiga, da nossa igreja. E o senhor São Miguel é o santo da nossa devoção e de fé<sup>15</sup>.

---

<sup>15</sup> Entrevista da senhora Floraci, 65 anos, Igreja das figuras, Caém-Bahia. Concedida no dia 29 de setembro de 2022.

O que se presencia durante o festejo é algo encantador. Considerando o contexto social e geográfico em que a igreja está situada — com dificuldades de locomoção, longas distâncias e outros fatores que poderiam inviabilizar a realização do evento —, a persistência da celebração torna-se ainda mais significativa. O empenho das pessoas em ter esse compromisso de realização anual deste dia religioso, torna esse modo de cultivar-se manter ligado espiritualmente com o ser religioso, potencializa ainda mais o que chamamos de religiosidade popular. Ao angariar o apoio popular diante das circunstâncias adversas, reflete muito sobre o ser humano diante das dificuldades enfrentadas durante sua longa jornada diária, mas que, neste dia, acaba sendo movida exclusivamente dedicado ao que chamamos de uma crença capaz de reverberar o conceito de religiosidade condicionado à formação da história, memória e do desenvolvimento humano.

A escolha de São Miguel Arcanjo como padroeiro e homenageado na igreja, condiz com muito sobre o ser religioso que ele representa para a Igreja Católica. Apesar da escassez de uma documentação sólida que pudesse comprovar a sua ligação com o mentor da construção da Igreja das Figuras, Romão Gramacho, fica evidente que ao longo da pesquisa que a sua escolha não foi de forma aleatória. São Miguel, já predestinado como defensor das almas, cumpre uma tarefa árdua em manter as almas protegidas e cuidadas, talvez essa questão levou tanto Romão Gramacho como os demais devotos dedicarem parte de sua vida em busca de um descanso sagrado e protegido para a sua espiritualidade pós vida.

As entrevistas realizadas com Dona Ester Oliveira de Araújo e Dona Floraci de Oliveira Santos, moradoras da zona rural dos municípios de Caém e Jacobina, revelam mais do que lembranças isoladas sobre os festejos de São Miguel Arcanjo. Elas nos permitem compreender como a fé, a memória e a devoção se articulam de forma simbólica e prática na vida cotidiana das devotas, especialmente das mulheres, protagonistas na manutenção da religiosidade popular.

No caso de Dona Ester, a criação de um altar doméstico dedicado a São Miguel — construído com palha e madeira, contendo imagens, velas e objetos de culto — representa uma prática de microterritorialização do sagrado. Em outras palavras, mesmo diante da ruína física da igreja e da negligência por parte do poder público, a fé não se extingue. Ela é transferida e ressignificada no espaço íntimo do lar, que passa a cumprir funções litúrgicas e devocionais. Essa prática pode ser interpretada à luz do conceito de lugares de memória, de Pierre Nora (1993), que nos mostra como, diante da perda dos marcos materiais, as

comunidades constroem novos suportes simbólicos para preservar sua identidade e história.

Já Dona Floraci, ao relatar com riqueza de detalhes as celebrações religiosas que ocorriam na Igreja das Figuras nas décadas de 1970 e 1980, se apresenta como uma guardadora da memória coletiva. Suas lembranças não apenas informam sobre o passado, mas o atualizam, performando a própria continuidade da tradição religiosa. Como afirma Paul Thompson (1992), a história oral não é apenas uma técnica de resgate de informações, mas uma forma de devolver voz a sujeitos historicamente silenciados, permitindo que suas experiências constituam fontes legítimas de saber histórico.

Ao cruzar os testemunhos das duas mulheres, é possível perceber temas recorrentes, como o sentimento de pertencimento comunitário, a resistência frente ao abandono institucional e a centralidade da fé como prática transformadora. Mesmo em tempos de ausência estrutural e escassez documental, a devoção se mantém viva através das práticas cotidianas, dos gestos, dos objetos e dos relatos. A religiosidade aqui não é apenas crença, mas experiência vivida, estratégia de sobrevivência simbólica e elemento estruturante da identidade sertaneja.

A construção de oratórios domésticos, a participação nos festejos e a narrativa oral sobre a história da igreja demonstram que a fé popular possui um forte componente de agência e criatividade, capaz de recriar sentidos para o sagrado em diferentes espaços e tempos. Nesse sentido, o altar de Dona Ester e os relatos de Dona Floraci são documentos vivos da fé e da memória, inscrevendo na história aquilo que muitas vezes não está nos arquivos oficiais, mas no coração e na palavra dos que vivem a tradição.

## CONCLUSÕES

Ao longo da pesquisa, as entrevistas orais foram essenciais para o desenvolvimento deste trabalho. O processo de localização das fontes, visitas realizadas, cortejos participados, fez parte de todo o processo de construção deste trabalho. O contato com as pessoas que cederam essas informações, mesmo que ligada intimamente no seu ser pessoal, possibilitou uma oportunidade ímpar durante todo este longo processo de pesquisa.

A existência do homem está intimamente ligada no conceito religioso, deveras o ser humano ao longo de seu processo de formação do ser social, de alguma forma seja direta ou indiretamente teve contato com alguma expressão religiosa. Este processo de conhecimento e contato com diversas religiões ao longo da vida acaba sendo algo inevitável, tendo em vista que o ser sociável detém diversos modos de operação e institucionalização de sua fé. Por mais que esteja atrelada de intimamente ao ser, as ações, comportamentos, acessórias que lhe faz pertencente deste meio acaba denunciando qual modo religioso aquela pessoa pertence.

A fé e devoção constatada neste trabalho exprime uma realidade que reflete muito no ser. O fato é que apesar das dificuldades vividas, principalmente das comunidades existentes distantes dos grandes centros urbano, impossibilita o acesso da Igreja em si nas regiões distantes não impede que seus moradores desenvolvam meios capaz de amenizar essas dificuldades. É a partir deste momento que a religiosidade popular conduz a sociedade e o meio que ela faz parte de forma condizente com o domínio de seu público.

Ao longo dessa pesquisa, a abordagem da história oral em conjunto com a religiosidade popular reverberou a condição destinada ao ser humano como transcendente religioso que salvaguarda a memória como parte essencial da formação do religioso e do ser, a ponto de dedicar-se, de forma afincado durante anos ao longo de sua existência. Munido de fé e devoção, o homem busca de forma simples uma condição que possibilite exercer de forma livre e respeitosa o culto e adoração as suas imagens e inúmeros credos que fazem parte da formação condicional à memória, seja ela coletiva ou individual.

A história do Brasil influencia profundamente seu contexto social, cultural e religioso. A miscigenação religiosa revela as múltiplas devoções que marcam a formação histórica do país. Apesar das dificuldades enfrentadas para cultivar seus santos, os fiéis expressam sua fé como forma de realização pessoal e busca por salvação, mesmo submetendo-se a situações extremas para reafirmar sua espiritualidade.

## REFERÊNCIAS

### Entrevistas

Entrevista da senhora Floraci, 65 anos, Igreja das figuras, Caém-Bahia. Concedida no dia 29 de setembro de 2022.

Entrevista da senhora Ester, 69 anos, Comunidade da Jaqueira, Caém Bahia. Concedida no dia 28 de setembro 2022.

### Bibliografia

ALBERTI, Verena. **História oral**: a experiência do CPDOC. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

BARBOSA, Virgínia RF; DE ALMEIDA ELIAS, Lucienne Maria. DA ANÁLISE ICONOGRÁFICA À IDENTIFICAÇÃO: Um estudo sobre São Miguel Arcanjo. *In Imagem Brasileira*, n. 10, p. 212-213, 2020.

BARRONCAS, Ramon. A memória, o esquecimento e o compromisso do historiador. *In Em Tempo de Histórias*, n. 21, p. 124-136, 2012.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o Ofício do Historiador**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001.

BOSCHI, Caio C. **O Barroco Mineiro**: Artes e Trabalho. São Paulo: Brasiliense, 1988.

CAMPOS, Adalgisa Arantes. São Miguel, as Almas do Purgatório e as balanças: iconografia e veneração na Época Moderna. *In Memorandum: Memória e História em Psicologia*, v. 7, p. 102-127, 2004.

CAMPOS, Adalgisa Arantes. **As irmandades de São Miguel e Almas do Purgatório**: culto e iconografia no setecentos mineiro. Belo Horizonte: C/Arte, 2013.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**: 1. Artes de Fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

COSTA, Affonso. **Minha Terra**: Jacobina de antanho e de agora. Anais do 5º Congresso Brasileiro de Geografia. Vol II. Bahia: Imprensa Oficial do Estado, 1918.

COUTO, Edilece Souza. **Tempo de festas**: homenagens a Santa Bárbara, N. S. da Conceição e Sant'Ana em Salvador (1860-1940). Tese (Doutorado em História) – Faculdade de ciências e letras. São Paulo: UNESP, 2004.

DIAS, Maria da Graça Andrade. **Altar-Mor das igrejas de Salvador**: séculos XVII e XVIII. Dissertação de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Arquitetura, 2003.

DURKHEIM, Emile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 1996. 5

FRAGATA, Gabriel Ferreira. **Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo**: as manifestações da Santíssima Trindade em Manaus. Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia (Mestrado em Sociedade e cultura na Amazônia), Universidade Federal da Amazônia – UFAM, 2023.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HOORNAERT, Eduardo. **Formação do catolicismo brasileiro - 1550-1800**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

JUNIOR, Carlos Alberto Mourão; FARIA, Nicole Costa. Memória. Psychology. **Psicologia Reflexão e Crítica**, v. 28, n. 4, p. 780-788, 2015.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990..

MAMANN MARCHI, Darlan de; MAZZUCCHI FERREIRA, Maria Leticia. **Paisagem e patrimônio cultural em imagens**: um estudo sobre São Miguel das Missões, Brasil. *In territórios*, n. 33, p. 103-122, 2015.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. São Paulo: Loyola, 2005.

MESQUITA, Fabio de Azevedo. A Veneração aos Santos no Catolicismo popular brasileiro—Uma aproximação histórico-teológica. *In Revista Eletrônica Espaço Teológico*. v. 9, n. 15, p. 155-174, 2015.

NEUFELD, Carmen Beatriz; STEIN, Lilian Milnitsky. A compreensão da memória segundo diferentes perspectivas teóricas. *In Estudos de Psicologia (Campinas)*, v. 18, p. 50-63, 2001.

NORA, Pierre. **Entre Memória e História**: a problemática dos lugares. Projeto História, São Paulo, n. 10, p. 7–28, dez. 1993.

OLIVEIRA, Victor Hugo Neves de. O CORPO DA FÉ: ESTUDOS SOBRE O SAGRADO E O PROFANO. *In Revista do Núcleo de Estudos de Religião e Sociedade (NURES)*, n. 20, 2012.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. *In Projeto História*, PUC, São Paulo, n. 14, p. 25-39, fev. 1997.

REIS, José Carlos. **O desafio historiográfico**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução de Alain François, Luís O. A. Serra e Cristina B. Rolim Geraldés. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007.

RODEGHERO, Carla Simone et al. **Manual de Procedimentos do Repositório de Entrevistas de História Oral - REPHO/UFRGS**. Porto Alegre, novembro de 2020.

ROSENDAHL, Zeny. **O ritual da procissão sacralizando o espaço**: a paisagem religiosa. In: Uma procissão na geografia (online). Rio de Janeiro: EDUERJ, 2018, pp. 387-401.

ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. **Usos e abusos da história oral**, v. 8, p. 93-101, 1996.

SILVEIRA, Ruth Carla Benicio da. O SAGRADO E O PROFANO NA FESTA EM LOUVOR A SANTA RITA DE CÁSSIA, NA CIDADE DE PONTALINA-GO. In **Anais IV Simpósio Nacional (I internacional) de História da UEG**, v. 3, n. 1, p. 23-51, 2013.

SILVA, Zenilton Gondim; GUSMÃO, Tânia Rocha Cristina Silva. Sessão 2: Memórias platônicas: Teoria do Conhecimento, Reminiscência e Educação Matemática em “A República”. In **Anais do ENAPHEM-Encontro Nacional de Pesquisa em História da Educação Matemática**, n. 1, p. 1-20, 2012.

SOUSA, Alberto. **A invenção do barroco brasileiro: a igreja franciscana de Cairu**. Ed. Universitária/UFPB, 2005.

SOUSA, Aline Batista de; SALGADO, Tania Denise Miskinis. Memória, aprendizagem, emoções e inteligência. In *Revista Liberato*, v. 16, n. 26, p. 141-152, 2015.

SOUZA, Paula Oliveira de; ALVES, Tarso Ferreira. MNEMOSINE E APRENDIZAGEM: Uma Breve Reflexão sobre a Memória a partir do Fedro de Platão e sua relação com a Contemporaneidade. In **Saberes: Revista interdisciplinar de Filosofia e Educação**, v. 24, n. 1, p. FI03-FI03, 2024.

SOUZA, Ricardo Luiz de. **Festas, procissões, romarias, milagres: aspecto do catolicismo popular**. Natal: IFRN, 2013.